

BRASIL CONTROVERSO

IDENTIDADES, DIFERENÇAS E DESIGUALDADES

Liliane Feitoza
Salviano Feitoza



**PRAZER[®]
DE
LER**

Acreditando no futuro do Brasil

Brasil controverso: identidades, diferenças e desigualdades

Liliane Feitoza
Salviano Feitoza



Brasil controverso: identidades, diferenças e desigualdades

Liliane Feitoza
Salviano Feitoza

Editor: Lécio Cordeiro

Revisão de texto: Suélen Franco

Capa: Sophia Karla

Ilustração da capa: Cadu Loureiro

Projeto gráfico: Allegro Digital

Editoração eletrônica, pesquisa iconográfica e infografia: Allegro Digital

Coordenação Editorial:



Editora Prazer de Ler

Avenida Doutor Rinaldo de Pinho Alves, 2680

CEP: 53411-000 - Paratibe - Paulista/PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Fizeram-se todos os esforços para localizar os detentores dos direitos das fotos, ilustrações e dos textos contidos neste livro. A Editora pede desculpas se houve alguma omissão e, em edições futuras, terá prazer em incluir quaisquer créditos faltantes.

Para fins didáticos, os textos contidos neste livro receberam, sempre que oportuno e sem prejudicar seu sentido original, uma nova pontuação.

F311b Feitoza, Liliane
Brasil controverso : identidades, diferenças e desigualdades : paradi-
dático geografia - 7A / Liliane Feitoza, Salviano Feitoza. – Recife :
Prazer de Ler, 2018.
80p. : il.

Inclui referências.

1. GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO – ESTUDO E ENSINO. 2. GEOGRAFIA HUMANA – ESTUDO E ENSINO. 3. IDENTIDADE SOCIAL – BRASIL – ESTUDO E ENSINO. 4. IGUALDADE – BRASIL – ESTUDO E ENSINO. 5. NEGROS – IDENTIDADE RACIAL. 6. DIS-CRIMINÇÃO RACIAL – BRASIL – ASPECTOS SOCIAIS. 7. BRASIL – ASPECTOS CULTURAIS. I. Feitoza, Salviano. II. Título.

CDU 911.3

CDD 911.3

PeR – BPE 18-239

ISBN: 978-85-8168-672-1

Impresso no Brasil

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Ao encontro com a diferença, algumas vezes feliz, algumas vezes difícil, mas sempre cheio de ensinamentos.

Apresentação

Não é difícil realizar uma longa conversa com alguém nunca antes visto se, em algum momento, descobrirmos que nós e o desconhecido possuímos gostos parecidos. É fácil aproximar-se de alguém ao descobrir um interesse em comum por um filme, um seriado, um livro ou um tipo de música. Essa conexão acontece, pois vemos como semelhantes os que se parecem conosco de alguma maneira, os que compartilham, ao menos, parte da nossa forma de estar no mundo, formando uma identidade comum. Além dessa semelhança atribuída pelo gosto, podemos compartilhar identidades com as demais pessoas por diversos outros motivos, como por serem da nossa idade, do nosso mesmo grupo religioso ou, ainda, por nascerem no mesmo país, na mesma região, no mesmo estado ou cidade que nós.

Além do que nos torna parecidos e parecidas, somos cheios de características que nos individualizam, isto é, que nos tornam diferentes dos outros. Neste livro, conversaremos sobre identidades, mas não sobre identidades individuais, e sim sobre as diversas identidades que estiveram e estão envolvidas no que nos caracteriza como país e ainda sobre as identidades internas, que permitem que existam diferenças, mesmo entre os que são iguais em alguns sentidos. Também conversaremos sobre as hierarquias atribuídas às diferenças e, assim, descobriremos que **diferença** e **desigualdade** não devem ser entendidas como sinônimos.

Este é um texto para quem já se perguntou sobre a identidade comum a todos os brasileiros, que faz com que não sejamos iguais aos argentinos ou aos chilenos, e sobre a existência de outras identidades que diferenciam os brasileiros de uma parte dos de outra. Durante a leitura, é importante perguntarmos a todo momento sobre quem somos nós e sobre quem são os outros. Também é importante exercitar a compreensão da diferença como algo que não separa, mas nos enriquece e permite conhecer e ampliar quem somos, e pensar no encontro com o diferente como uma oportunidade, e não um problema. O que tomaremos como problema real não é a existência da diferença, mas a criação e recriação da desigualdade, que não se apresenta como oportunidade real para ninguém, mas como base para a manutenção de injustiças sociais, que afetam a todos.

Sumário

Começo de conversa	6
Capítulo 1	
O diferente e o desigual.....	12
● Igualdade e desigualdade.....	15
Reflexão	21
Capítulo 2	
Identidade brasileira: o país desconhecido	26
● A identidade das regiões do Brasil	28
● A formação da identidade nacional	33
● Pós-independência: esboço de uma identidade	34
● O Brasil dentro do Brasil: percepção de outras realidades	42
● Um Brasil novo, moderno e misturado	45
Reflexão	57
Capítulo 3	
Um Brasil fragmentado, diferente e desigual	62
● Telenovelas e identidade.....	62
● Telenovelas e a identidade regional	66
Reflexão	71
O fim e o recomeço	76



Começo de **conversa**

Imagine viver em um mundo em que não existem diferenças, isto é, onde todas as pessoas são exatamente iguais. Nesse lugar, todos têm a mesma idade, a mesma altura, o mesmo sexo (todos meninos ou todas meninas), a mesma cor de pele e o mesmo tipo de cabelo. Além dessas características físicas, as **ideias** e as opiniões também são iguais, afinal, como foi dito, nesse mundo não existe qualquer tipo de diferença.

Viver em um lugar como esse seria como estar em uma sala cheia de espelhos, vendo-se o tempo inteiro em um conjunto de cópias. Existiriam outras pessoas, mas, como nenhuma delas possuiria características que as diferenciavam, elas pareceriam extensões de quem quer que as observasse. Para você, por exemplo, pareceria que todas são cópias suas.

Essa realidade, impossível de forma prática, mas possível na sua imaginação, pode nos ajudar a pensar em vantagens e desvantagens quanto à igualdade e à diferença. Como ponto positivo, estaria o fato de que, nesse mundo, provavelmente não existiriam conflitos, já que todas as pessoas tenderiam a pensar e decidir da mesma forma. Por sua vez, o ponto negativo diria respeito à monotonia e à limitação que seriam próprias dessa situação indiferenciável.

Provavelmente, seria bastante chato viver em um mundo onde não houvesse algo novo ou diverso, onde não fosse possível aprender diferentes idiomas, apreciar diferentes culinárias ou gêneros musicais ou, ainda, observar diferentes paisagens. Em outras palavras, falar em um mundo em que não



Reprodução

As diferenças culturais são tão importantes que, se Marco Polo, no século XIII, não tivesse viajado e tido contato com outras civilizações, algumas invenções chinesas, por exemplo, talvez demorassem séculos para chegar até o Ocidente. Acima, gravura de 1375, da viagem de Marco Polo às Índias.

existem diferenças é o mesmo que se referir a um mundo onde só existe um tipo de tudo: um tipo de pessoa, um tipo de paisagem, um tipo de música, um tipo de filme e assim sucessivamente.

Mesmo que pareça, por um instante, interessante viver em um mundo onde tudo seja exatamente do jeito que você gosta, lembre-se de que muito do que você aprecia hoje já lhe foi estranho no passado e que, em algum momento, você conheceu e começou a gostar. Nem mesmo essa oportunidade de conhecer algo novo e decidir se gosta ou não seria possível nesse mundo, já que nada novo e diferente poderia existir.

Se a existência da diferença garante a possibilidade de um mundo rico em expressões e significados, cheio de possibilidades e oportunidades de aprender, podemos dizer que ela, por si só, não é a causadora dos conflitos. Em outras palavras, não é a diferença que gera o conflito. Ele é gerado quando passamos a classificar essas diferenças.

Em muitas situações, as diferenças podem conviver de maneira pacífica, divertida e estimulante. Para pensarmos nessa convivência agradável com o diferente, vamos nos voltar para mais um exemplo, também no objetivo de elucidar parte dos conceitos que serão trabalhados ao longo deste livro.

Imagine que você está indo para a escola no primeiro dia depois das suas férias de fim de ano. Como você já tinha frequentado a mesma escola no ano anterior, espera encontrar uma realidade familiar, o que inclui professores e coordenadores já conhecidos, além de muitos colegas que já estudavam com você. Ainda assim, este é um dia em que você deseja se deparar com muitas novidades.

De fato, ao chegar à escola, além dos amigos já conhecidos, há duas pessoas novas. Uma delas é uma menina que se mudou da cidade vizinha para a sua e, por isso, também teve de ser transferida para a sua escola; já a outra pessoa é um menino que também se mudou, vindo de muito mais longe, de outra região do País.

Ainda nesse primeiro dia de aula, muito antes de as apresentações serem feitas, você e seus amigos perceberam que o aluno novo vinha de outro lugar. E o que fez com que vocês percebessem foi o sotaque, isto é, uma forma diferente de pronunciar o mesmo idioma. Embora todos vocês falassem português, ficava muito evidente, por conta da sonoridade de algumas palavras, que ele falava de uma forma diferente.

À medida que vocês foram conversando, a quantidade de diferenças parecia aumentar. O aluno novo contou para vocês, por exemplo, que a cidade onde ele morava era muito mais fria do que a de vocês, fazendo com que ele e seus familiares precisassem comprar roupas novas e mais adequadas às

temperaturas da sua região. Ele também disse que suas comidas preferidas eram encontradas com dificuldade na nova cidade e que muitas das que eram populares para vocês eram desconhecidas para ele e para as pessoas da cidade onde ele morava anteriormente.

Essa conversa e todos os exemplos sobre o que era diferente entre os lugares se tornaram tão interessantes que, logo, grande parcela da turma estava fazendo parte dela; todos interessados em ouvir e perguntar sobre a região de origem do novo aluno. Quanto mais a conversa avançava, mais diferenças eram encontradas, seja por causa de expressões e hábitos que existiam em apenas uma das regiões, seja por elementos que existiam nas duas, mas recebiam nomes diferentes. Vocês descobriram, por exemplo, que algumas frutas, comuns em todo o Brasil, recebem nomes distintos a depender da região, como é o caso da *tangerina*, também chamada de *laranja-cravo*, *bergamota*, *mexerica*, *laranja-mimososa*, *clementina*, entre outros nomes.



Jaboticaba Fotos/Shutterstock.com

Em razão da extensão geográfica brasileira e da intervenção de culturas diferentes, são dados diversos nomes a uma mesma fruta, por exemplo. É o caso da *Annona squamosa*, que leva nomes como anona, pinha, fruta-do-conde e ata.

Essas diferenças fizeram com que todos os estudantes da classe se sentissem diferentes do aluno novo e iguais entre si, o que incluía a aluna de outra cidade. Mesmo que ela fosse tão novata quanto o aluno de outra região, parecia ainda ser igual aos demais, afinal, todos faziam parte de um grupo comum, caracterizado pelo compartilhamento de costumes e hábitos. Isso, no entanto, não era visto pela classe como um problema. Na verdade, aquela

diferença era divertida e interessante, pois a turma podia ensinar muito para o aluno de outra região, assim como poderia aprender com ele.

Alguns meses após o início das aulas, quando todos os alunos, inclusive os novos, já estavam totalmente enturmados, a classe passou por mais uma mudança, pois a escola recebeu uma aluna de intercâmbio, ou seja, uma estudante de outro país, que não o Brasil. Mais uma vez, a turma passou pelo processo de conhecer alguém bem diferente e de se espantar com tudo o que existia em um lugar e não no outro.

No caso da aluna estrangeira, entretanto, todas as diferenças pareciam maiores. A maneira de falar, por exemplo, não era apenas diferente, mas a pronúncia de alguns sons era tão diversa na aluna nova que, em algumas vezes, era difícil entender o que ela falava, embora, como todos, ela estivesse falando português. Fisicamente e pelo nome, ela também parecia diferente da maioria, pois tinha uma aparência e um nome distintos dos que são encontrados tradicionalmente no País.

A convivência com essa nova aluna alterou a **ideia** de unidade da turma. As diferenças regionais, que antes pareciam muito grandes, passaram a parecer pequenas, pois todos os alunos que estavam na sala, antes da chegada dela, começaram a se enxergar como membros de um grupo maior, o grupo dos brasileiros. Se pensarmos bem, veremos que foi a presença diferente do aluno de outra região que fez com que os demais estudantes se sentissem como membros de um primeiro grupo, delimitado pelo compartilhamento da cultura, dos gostos e dos hábitos locais. Talvez, se a turma não tivesse recebido esse aluno, a aluna novata, da cidade vizinha, se sentisse deslocada da turma no início do ano letivo por ser a única a não conhecer os colegas há mais tempo.

Além dessas formas de pertencer a grupos, ainda há outras. Em um momento de avaliação ou prova, por exemplo, todos os estudantes podem se sentir parte de um mesmo grupo, que está apreensivo pelo momento de ter os seus conhecimentos testados. Em relação à idade, também é possível formar grupos. Nesse caso, todos os estudantes, por terem idades semelhantes, estariam em um grupo de crianças, enquanto o professor seria o elemento diferenciador por estar em outra categoria, a dos adultos.



Peregrinos da Jornada Mundial da Juventude durante o concerto *Singing Europe*, na Polônia, em julho de 2016. Conviver com culturas diferentes faz com que aprendamos o modo de vida e os costumes do outro.

A partir desses exemplos, podemos retirar um monte de informações sobre a diferença e a igualdade. A primeira delas diz respeito ao estado de **pertencimento** e de **não pertencimento**. Na nossa vida escolar, familiar e na sociedade, de maneira geral, existem muitos grupos aos quais podemos pertencer ou não e, por isso, sermos considerados iguais ou diferentes em uma determinada situação. O conjunto do pertencimento e do não pertencimento aos diversos grupos forma a nossa identidade, que nunca será igual à de outra pessoa.

Mesmo que você tenha um amigo ou uma irmã que se pareça muito com você, eles certamente possuirão gostos e características capazes de gerar alguma situação de diferença. Muitas vezes, por exemplo, temos a mesma idade que uma amiga ou um amigo e torcemos pelo mesmo time de futebol, mas gostamos de músicas diferentes e de sabores opostos. Dessa forma, ao mesmo tempo que são formadas essas diferenças, também são estabelecidas as semelhanças, gostos e costumes que constituem nossa identidade e o nosso pertencimento a grupos maiores.

Assim, podemos afirmar que ser igual ou ser diferente de alguém depende de um ponto de vista ou de uma categoria de análise. Podemos, em algumas situações, pertencer a um mesmo grupo de um amigo ou familiar e, em outras, estar em grupos diversos. Nunca seremos exatamente iguais a outra pessoa, da mesma forma que não seremos, em situação alguma, totalmente diferentes.

Também aprendemos, com essa ilustração, que realmente é possível pensar em situações de convivência pacífica e produtiva entre as diferenças. O exemplo da sala de aula é muito semelhante a várias situações de encontro com o diferente pelas quais as pessoas passam todos os dias e é, também, uma possibilidade de ação diante do diferente. Os alunos do exemplo não pensaram na diferença como algo que deveria ser excluído do grupo de iguais, mas como uma fonte de informações divertidas e interessantes, justamente por serem distintas do habitual.

A terceira informação que, por enquanto, vamos retirar desses exemplos diz respeito à relação entre a identidade de pertencimento a um grupo sendo criada diante da diferença. Vimos que a chegada de um aluno ou aluna diferente teve como resultado a união do restante da turma em um grupo de pertencimento. Assim, a formação do grupo de pertencimento do exemplo estava ligada não só à existência de características semelhantes entre os membros do grupo, mas também à existência de algo diferente.

Adiante, retomaremos esse raciocínio, mas, por agora, é importante esclarecer que a formação das identidades por meio da diferença não é uma característica limitada ao nosso exemplo. O sociólogo Zygmunt Bauman e o

antropólogo Lévi-Strauss, em obras que se diferenciam bastante, concordam que a formação do eu ou da identidade necessita da existência do outro diferente.

Lévi-Strauss, em algumas obras voltadas para observação e descrição de etnias diferentes, leva-nos à conclusão de que a identidade é um tipo particular de diferença. Em outras palavras, as diferenças seriam uma categoria maior, que possibilita a criação de identidades, quando as diferenças passam a ser características de um grupo. Neste mundo de diferenças, a variação que caracteriza você é a sua identidade, da mesma forma que a variação que lhe parece diferente constitui a identidade de outras pessoas.

Bauman, da mesma forma, pensa na constituição das identidades e, mesmo observando populações muito diferentes e com métodos diversos, também conclui que existe uma relação indissociável entre a identidade do eu e a do outro. De acordo com ele, a identidade de um grupo só surge com a exposição a uma comunidade diferente. Assim, se não existir mais de uma **ideia**, costume ou hábito que nos faça adotar um dos lados e nos diferenciar do outro (ou seja, se não existir diferença), não existirá identidade.



O antropólogo e filósofo Claude Lévi-Strauss, que lecionou na USP na década de 1930 e começou a estudar as populações indígenas do Brasil nesse período. No decorrer de suas produções acadêmicas e literárias, levantava a **ideia** de que nenhuma cultura é estacionária, está sempre se desenvolvendo, principalmente quando há o contato com outras culturas.



O sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman foi um dos mais influentes pesquisadores que estudou a realidade social e política da humanidade.



O diferente e o desigual

No nosso começo de conversa, entendemos que não existe uma simples relação de oposição entre o igual e o diferente ou, melhor dizendo, entre a identidade e a diferença. Compreendemos, em vez disso, que a diferença é necessária para que existam identidades e que essas identidades podem se relacionar com as diferenças sem existência de conflitos.

Ainda assim, nossa sociedade apresenta uma grande quantidade de desentendimentos que, muitas vezes, são pensados como resultado das diferenças existentes. Para ampliar nossa compreensão dessas questões, bem como da formação da nossa identidade, passaremos a nos dedicar ao fortalecimento do nosso entendimento do que é diferença, ao mesmo tempo que vamos relacionar os conceitos de **diferença e desigualdade**.

Você pode pensar que diferença e desigualdade querem dizer o mesmo, afinal, muitas vezes utilizamos essas palavras como sinônimas, ou seja, como termos que possuem o mesmo significado. Realmente, em dicionários, é possível encontrar uma dessas palavras como sinônima da outra, mas, ao tratar da realidade social, como perceberemos ao longo desta seção, veremos que o par diferente-desigual possui divergências muito importantes que devem ser consideradas.

1



Outro elemento que nos faz pensar que *diferente* e *desigual* são sinônimos é a relação entre essas palavras e a **ideia** de igualdade. Parece lógico pensar que o que não é igual é diferente, assim como o que não é igual é desigual. Nenhuma dessas relações está incorreta, mas veremos que a desigualdade e a diferença se separam da igualdade por motivos diversos.

A separação entre igualdade e diferença se baseia em uma característica essencial, ou seja, em atributos ou qualidades que simplesmente não são os mesmos e, por isso, são diferentes. Exemplificando, podemos dizer que uma floresta tropical é diferente de uma floresta temperada, assim como a caatinga é diferente das pradarias, e a Floresta Amazônica é diferente do Pantanal.

Esses pares de ambientes ou biomas são diferentes entre si, pois possuem características essenciais que fazem com que simplesmente não sejam os mesmos. Há diferenças na umidade, na vegetação, nos animais que habitam cada um dos lugares, nos índices de chuva, entre outros.



Anna Kucherova/Shutterstock.com



Anan Kaewkhammul/Shutterstock.com

À esquerda, o dragão-de-komodo (Indonésia) e, à direita, o lobo-guará (América do Sul). Nem toda espécie de animal é capaz de habitar qualquer bioma.

A diferença diz respeito, portanto, a uma **variação de características básicas**. Nesse sentido, também podemos dizer que girafas são diferentes de baleias e que cabelos cacheados são diferentes de cabelos lisos, e podemos fazer essas afirmações porque identificamos características essenciais que diferenciam cada uma dessas categorias.

Note que, em todos esses exemplos (os biomas, os animais e a textura dos cabelos), tratamos de características naturais, pois são diferenças que ocorrem sem a intervenção humana. Esse atributo da diferença não é aleatório, na verdade ele nos aproxima da nossa segunda característica: **as diferenças são naturais ou inerentes ao mundo humano**.

Enquanto naquele mundo imaginado dos indiferenciáveis tudo era exatamente igual, no nosso mundo há inúmeras diferenças que existem independentemente da intervenção humana. No caso das diferenças naturais, podemos incluir características ambientais, como climas, relevos, faunas, floras, assim como características ligadas a seres vivos, como a variedade de animais e suas características ou a variedade de tipos físicos ligados à humanidade.

A variedade de tons de pele, de texturas de cabelo, de cores e formatos de olhos e as estaturas são exemplos de características físicas que estão nas pessoas e que se originam de fatores naturais. Essas variedades possuem atributos que não são os mesmos e que tornam possível visualizar diferentes tipos físicos, diferentes etnias e diversos tipos de beleza.

Além do que é natural, existem diferenças que são inerentes ao mundo humano, ou seja, são formas diversas de atender a um impulso natural. Os idiomas, por exemplo, são resultado da necessidade natural de comunicar-se; da mesma forma, muitas religiões surgiram para atender a um impulso de compreender a grandiosidade do mundo e se relacionar com ele. Essas expressões não são naturais, pois foram resultado da criação humana, mas são próprias da humanidade por serem inseparáveis da construção de algumas histórias e culturas.

Assim como as diferenças naturais, as diferenças inerentes à humanidade são responsáveis por tornar o mundo um espaço rico em tipos e expressões e por garantir que não vivamos em uma realidade monótona e limitada. Dessa forma, chegamos a mais uma característica. As diferenças são desejáveis e importantes para que o mundo seja fiel à sua natureza e para que as expressões inseparáveis à humanidade sejam respeitadas e tenham seu espaço garantido.

Em contrapartida, as desigualdades apresentam uma relação intensamente distinta. A partir de agora, passaremos a pensar no par igual-desigual,

utilizando, em alguns momentos, o que aprendemos sobre diferença. E veremos que, pela perspectiva sociológica e humanística, esses dois termos precisam ser percebidos como diversos.

Igualdade e desigualdade

Sobre as desigualdades, o primeiro elemento ou característica que precisa ser mencionado é que elas dizem respeito a uma **situação hierárquica** que atribui valores maiores ou menores ao que é diferente. Muitos exemplos podem nos ajudar a entender essa característica da desigualdade, como as cores dos olhos. Sabemos que existem olhos de várias cores: azuis, verdes, castanhos, pretos, entre outros. Essa diversidade é sinal de diferença, ou seja, de maneira natural, pessoas nascem com olhos de cores que não são as mesmas. Entretanto, na nossa sociedade, olhos azuis tendem a ser considerados mais bonitos do que olhos pretos, por exemplo. Essa separação que indica que azul é melhor que preto para a cor dos olhos não é um caso de diferença, e sim de desigualdade.

Também sabemos que existem pessoas com características étnicas diferentes: algumas pessoas possuem peles mais claras, outras mais escuras, e esta é uma diferença natural. Entretanto, considerar positiva ou negativa alguma característica ou expressão étnica constitui uma situação de desigualdade. Por exemplo, dizer que os cabelos lisos são melhores que os cabelos crespos é uma evidente relação de desigualdade, que coloca pessoas negras em posição de inferioridade.

Além dessa valorização desigual atribuída às texturas dos cabelos, pessoas negras ainda sofrem outras situações de desigualdade também muito graves, que incluem, por exemplo, um menor reconhecimento de religiões



Reprodução

Galeria de retratos da nobreza da Estíria, de Gennaro Basile, século XVI. Países imperialistas, no século XIX, usavam as características étnicas para justificar as invasões e a subjugação de nações. Alguns países europeus se baseavam na crença de que as pessoas de pele clara eram superiores aos demais seres humanos.

de origem africana e afro-brasileira, uma pequena valorização de expressões culturais e um menor **status social***.

* **Status social**, ou **posição social**, é um conceito muito interessante que vai nos ajudar a entender melhor a construção das desigualdades. Posição social tem a ver com o juízo de valor que as pessoas costumam atribuir umas às outras, ou seja, diz respeito a um julgamento que é feito sobre alguém (e às vezes sobre coisas também), como se é alto ou baixo, feio ou belo, legal ou chato, etc.

De que modo esse juízo de valor se relaciona com as desigualdades? Da seguinte forma: todos nós podemos identificar diferenças físicas entre as pessoas, como tipo de cabelo, cor dos olhos, etc. Esses aspectos fazem as pessoas serem diferentes umas das outras. Mas, quando afirmamos que, por exemplo, cabelos cacheados são **mais bonitos** que cabelos lisos ou que olhos castanhos são **mais feios** que olhos verdes, estamos atribuindo uma posição hierarquicamente superior a um tipo de cabelo e uma cor de olhos, e uma posição hierarquicamente inferior aos outros tipos.

E, quando, a partir dessa hierarquização, algumas pessoas têm mais chances de aproveitar a vida em sociedade, para elas há maior possibilidade de usufruírem de direitos, então temos uma situação de desigualdade. A nossa sociedade construiu uma posição social de inferioridade para pessoas negras, atribuindo *status* de inferioridade a vários aspectos físicos e culturais dessa população. Esses elementos estão presentes no nosso **dia a dia** e não os percebemos com muita facilidade porque nos acostumamos a eles.

Falar que cabelos crespos são ruins e cabelos lisos são bons é um dos exemplos disso. Fazer piadas de religiões de origem africana, como o candomblé, é outro aspecto dessa desigualdade, que tem como ponto de partida a atribuição de um juízo de valor negativo ao que é diferente, e pode causar muito sofrimento a quem o vivencia. Essa postura, portanto, deve ser combatida.

Assim, fica claro que, enquanto a diferença diz respeito à existência de características diversas, a desigualdade é o estabelecimento de valorizações e hierarquias dizendo o que é melhor e o que é pior e, com isso, gerando situações de vantagem e de desvantagem na sociedade. As desigualdades serão sempre sociais, apoiadas em razões e em injustiças históricas.



Vitório Júnior



Reprodução

A fotografia à esquerda, tirada em tempos atuais, retrata a desigualdade histórica sofrida pelos afrodescendentes, que persiste até hoje. A fotografia à direita mostra um exemplo de escravidão (doméstica), 1860.

Onde existe desigualdade, existem razões históricas que legitimam esse estado. No caso das desigualdades entre homens e mulheres, também chamadas de **desigualdades de gênero**, a razão histórica data de tempos muito antigos e da concepção de que mulheres não são apenas diferentes dos homens, mas também inferiores. Por conta disso, as mulheres demoraram a conquistar alguns direitos que antes eram assegurados apenas aos homens, como o direito ao voto. No Brasil, esse direito só foi estendido às mulheres no ano de 1932. Antes disso, grande parte da sociedade e a legislação consideravam que as mulheres não possuíam a mesma capacidade dos homens para tomar decisões.

Na atualidade, essa relação de desigualdade de gênero ainda persiste e pode ser visualizada, por exemplo, em expressões que indicam que algumas atividades são “coisas de mulher”, como as tarefas domésticas e a educação das crianças, enquanto outras são “coisas de homem”, a exemplo do gosto por esportes e por carros. Essa desigualdade, como muitas outras, costuma ser tratada como diferença, ou seja, como se as mulheres fossem naturalmente mais aptas ou capazes para realizar tarefas do lar e os homens, para os esportes e as máquinas.

No entanto, se pensarmos um pouco, ainda voltados para a desigualdade como um elemento que não é natural, mas construído pela história e pela sociedade, encontraremos algumas provas dessa construção. Pense, por exemplo, nos brinquedos que tradicionalmente são oferecidos e produzidos para meninos e meninas.



A sociedade constrói os estereótipos de gênero baseados em ideologias históricas sobre o papel do homem e da mulher.

Os brinquedos mais comuns oferecidos às meninas incluem bonecas, que devem ser cuidadas, pois são bebês, ou vestidas, pois são adultas; além de acessórios ligados à beleza, como maquiagens, espelhos e pentes; e de objetos ligados ao cuidado da casa, como pequenas panelas, fogões e armários. Nesse conjunto de brinquedos, ainda costuma predominar uma cor: a rosa.

Por sua vez, os brinquedos mais oferecidos aos meninos incluem bolas, carros e bonecos de luta, todos em cores diferentes da rosa. Esses brinquedos, comuns à infância da maioria das crianças, provavelmente à sua também, cumprem uma função educativa. Assim como as bonecas e os acessórios para si e para a casa ensinam as meninas a cuidarem dos filhos, da casa, e a se preocuparem com a sua beleza, as bolas, os carros e os bonecos de luta ensinam os meninos a se interessarem por esportes, por máquinas e até por lutas.

Os brinquedos são um importante indício de que os comportamentos comuns a homens e a mulheres, meninos e meninas na nossa sociedade não são naturais, são construções ligadas à história e à sociedade. Em outras palavras, meninos não nascem gostando de carros, de futebol e de **super-heróis**, nem as meninas nascem sendo cuidadas, mais aptas a zelar pela casa, vaidosas e interessadas em rosa. Meninos e meninas são ensinados a ter tais gostos e, muitas vezes, repreendidos quando revelam gostar de algo diferente, pois, segundo essa lógica, meninos não devem gostar de brincar de bonecas, nem meninas, de brincar com carros.

Esses elementos não ficam restritos ao período da infância e acabam sendo o início da manutenção de desigualdades entre homens e mulheres. Na atualidade, por exemplo, ainda que as mulheres tenham alcançado o direito de trabalhar fora de casa, na maioria dos lares os trabalhos domésticos não passaram a ser divididos entre os cônjuges. Elas continuam sendo as grandes responsáveis pelos trabalhos da casa, mesmo tendo, assim como os homens, trabalhos fora do ambiente doméstico.



Alf Ribeiro/Shutterstock.com

Milhares de mulheres caminham pelas ruas de São Paulo, Brasil, em 8 de março de 2016, no Dia Internacional da Mulher. Na sociedade atual, a mulher ainda encontra barreiras históricas na conquista de seu espaço, tanto nas áreas sociais como econômicas.

A justificativa para a divisão desigual do trabalho doméstico costuma se basear em **ideias** como as que utilizamos para iniciar esse exemplo. Diz-se que as mulheres são melhores na limpeza ou que essas tarefas são “coisas de mulher”. Ideias que, como vimos, são percepções erradas de uma situação de desigualdade, que não é natural, e sim baseada em razões históricas e sociais.

A partir desse exemplo, começamos a nos aproximar da última característica da desigualdade que mencionaremos nesta seção. Uma vez que as desigualdades são sociais, e não naturais, elas podem ser modificadas e desconstruídas. Mas, assim como a construção das desigualdades passa por um processo histórico, a desconstrução também não pode ser feita de um dia para o outro, pois exige uma dedicação a longo prazo.

Em oposição ao que acontece com a diferença — que é uma característica natural ou inerente à humanidade e que, por isso, deve ser respeitada e reconhecida como geradora de riqueza cultural —, a desigualdade é uma criação humana que sustenta relações de injustiça, as quais não só podem, como devem ser combatidas com o intuito de construir uma sociedade mais justa.

As desigualdades, como você deve ter notado a partir dos exemplos, diminuem as chances dos grupos que são considerados inferiores de acessar bens, recursos sociais e direitos. E essa dificuldade, por sua vez, reforça as desigualdades e as ajudam a se manterem. Esse ciclo vicioso faz com que existam diversos tipos de desigualdade na nossa sociedade, entre os quais

estão as já citadas (de gênero e étnicas) e ainda as econômicas, religiosas e até tecnológicas.

Assim, podemos retomar uma afirmação feita anteriormente, na qual dissemos que não é a existência da diferença que gera os conflitos. Agora, com mais conhecimentos, podemos reforçar a afirmação dizendo que a desigualdade é muito mais responsável pela geração de conflitos do que a diferença, pois é a desigualdade que gera injustiça, desrespeito e descontentamento.

Vale ressaltar que nem todas as diferenças geram desigualdades, pois, para que a diferença seja desigual, é preciso que ela seja utilizada para colocar valor e estabelecer uma hierarquia, de forma a criar uma situação com menos oportunidades para aqueles que recebem uma valorização inferior.

Em resumo, sobre a separação entre os conceitos de diferença e desigualdade, podemos dizer que entre as principais características que os diferem estão o fato de a diferença ser natural ou inseparável da humanidade e a desigualdade decorrer de uma construção histórica e arbitrária. Por serem naturais, as diferenças não podem nem devem ser eliminadas, mas as desigualdades podem ser extintas ou reduzidas.

Outro aspecto diz respeito ao fato de as diferenças serem desejáveis, já que criam riquezas culturais, ao passo que as desigualdades são indesejáveis, pois criam e reforçam injustiças sociais.



Vitoriano Junior

As diferenças culturais, quando assimiladas por determinado grupo, podem resultar em verdadeiras maravilhas folclóricas, como é o caso do maracatu rural (acima). Segundo pesquisadores, o surgimento do caboclo de lança e do maracatu rural coincide um pouco com a abolição da escravidão. Nesse sentido, o maracatu rural seria uma brincadeira do negro liberto. Foto tirada no Recife, 2013.



Reflexão

1 A vida social é complexa e repleta de significados. Muitas vezes, para compreender o sentido de alguns acontecimentos e fenômenos, é preciso ir além do óbvio e se apoiar em conhecimentos especializados, como os sociológicos, históricos, geográficos e filosóficos. É necessário se apoiar em uma visão de mundo mais ampla, pois, muitas vezes, a realidade social se torna tão comum que passa a ser naturalizada, isto é, passa a ser vista como algo que sempre existiu e que sempre existirá. Nesse sentido, explique brevemente por que as desigualdades sociais não podem ser compreendidas como uma realidade natural, que sempre existiu.

2 (Unimontes – Adaptada) No Brasil, o problema das desigualdades sociais ocupa a agenda de pesquisa e reflexão dos principais cientistas sociais do País. Jessé Souza, um dos mais destacados sociólogos da atualidade, enxerga, na fragmentação do conhecimento e na fragmentação da percepção da realidade, os principais obstáculos para o enfrentamento do problema.

Considerando o ponto de vista do sociólogo, pode-se afirmar que:

- a** Desigualdade social é um problema exclusivamente de conjuntura econômica, podendo ser superado com o crescimento econômico.
- b** O aumento da renda e o acesso ao emprego resolvem o problema das desigualdades sociais no Brasil.
- c** No Brasil, com o surgimento de “uma nova classe média” (como se difunde em jornais e televisão), o problema das desigualdades sociais

desaparece por causa, principalmente, do acesso generalizado aos bens de consumo.

d A reprodução de classes marginalizadas envolve a produção e a reprodução das condições morais, culturais e políticas da marginalidade, que vão para além do problema da renda *per capita*.

e Desigualdade social é uma questão muito importante para a redução de conflitos e que pode ser reparada unicamente com o auxílio da legislação.

3 (UEL-Adaptada) Leia o texto a seguir.

Rigorosamente falando, não existe exclusão: existe contradição, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes; existe o conflito pelo qual a vítima dos processos excludentes proclama seu inconformismo, seu mal-estar, sua revolta, sua esperança, sua força reivindicativa e sua reivindicação corrosiva. Temos de admitir que a **ideia** de exclusão é pobre e insuficiente. Ela nos lança na cilada de discutir o que não está acontecendo exatamente como sugerimos, impedindo-nos, portanto, de discutir o que de fato acontece: discutimos a exclusão e por isso, deixamos de discutir as formas pobres, insuficientes e, às vezes, até indecentes de inclusão.

(Adaptado de: MARTINS, J. S. *Exclusão social e a nova desigualdade*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1997. p.14.)

Embora o termo exclusão social seja bastante difundido nas ciências e na imprensa, o sociólogo brasileiro José de Souza Martins o critica.

A partir do texto, responda aos itens a seguir.

a. Explique por que, para Martins, não existe propriamente exclusão social. E dê a sua opinião sobre a afirmação do autor.

b. Cite quatro exemplos de situações que poderiam ser enquadradas no que Martins classifica como “formas pobres, insuficientes e, às vezes, até indecentes de inclusão”.

4 (UEL) Leia a letra da canção.

“Tinha eu 14 anos de idade quando meu pai me chamou
Perguntou-me se eu queria estudar filosofia
Medicina ou engenharia
Tinha eu que ser doutor
Mas a minha aspiração era ter um violão
Para me tornar sambista
Ele então me aconselhou:
‘Sambista não tem valor nesta terra de doutor’
E seu doutor, o meu pai tinha razão
Vejo um samba ser vendido, o sambista esquecido
O seu verdadeiro autor
Eu não vendo não senhor!”

(Canção “14 anos” de Paulinho da Viola, do álbum Na Madrugada, 1966).

De acordo com a letra da canção, assinale a alternativa **correta**.

- a O sambista vê na comercialização do samba, ou seja, na sua mutação em mercadoria, um processo que valoriza mais o criador que a coisa produzida.
- b Os termos ‘sambista’ e ‘doutor’ servem para qualificar e/ou desqualificar os indivíduos na rigorosa hierarquia social vigente no Brasil.

- c** A filosofia, enquanto conhecimento humanístico voltado à crítica social, é desqualificada em relação aos conhecimentos direcionados às profissões liberais.
- d** Para o sambista, o valor objetivo da música como mercadoria, medido pelo reconhecimento econômico, é mais relevante do que sua condição de criação artística subjetiva.
- e** A expressão ‘terra de doutor’ está relacionada à disseminação generalizada dos cursos superiores no Brasil, responsáveis por uma elevação do nível cultural dos setores populares.

5 (UEL) Em 1840, o francês Aléxis de Tocqueville (1805-1859), autor de *A democracia na América*, impressionado com o que viu em viagem aos Estados Unidos, escreveu que nos EUA, “a qualquer momento, um serviçal pode se tornar um senhor”. Por sua vez, o escritor brasileiro Luiz Fernando Veríssimo, autor de *O analista de Bagé*, disse, em 1999, ao se referir à situação social no Brasil: “tem gente se agarrando a poste para não cair na escala social e sequestrando elevador para subir na vida”.

As citações anteriores se referem diretamente a qual fenômeno social?

- a** Ao da estratificação, que diz respeito a uma forma de organização que se estrutura por meio da divisão da sociedade em estratos ou camadas sociais distintas, conforme algum tipo de critério estabelecido.
- b** Ao de status social, que diz respeito a um conjunto de direitos e deveres que marcam e diferenciam a posição de uma pessoa em suas relações com as outras.
- c** Ao dos papéis sociais, que se refere ao conjunto de comportamentos que os grupos e a sociedade em geral esperam que os indivíduos cumpram de acordo com o status que possuem.
- d** Ao da mobilidade social, que se refere ao movimento, à mudança de lugar de indivíduos ou grupos num determinado sistema de estratificação.
- e** Ao da massificação, que remete à homogeneização das condutas, das reações, desejos e necessidades dos indivíduos, sujeitando-os às **ideias** e objetos veiculados pelos sistemas midiáticos.

6 A sociedade brasileira é caracterizada pela existência de uma ampla diversidade étnica e cultural. Ainda assim, a existência dessas diversidades não quer dizer que não haja tratamentos desiguais na nossa sociedade. Sabendo que a

desigualdade é um tratamento que hierarquiza as diferenças, pesquise e exemplifique, com situações ou conhecimentos do cotidiano, a desigualdade sofrida pelos grupos sociais e pelas suas formas culturais nos itens abaixo.

a. Indígenas.

b. Religiões de matriz africana.



Identidade brasileira: o país desconhecido

Sáimos do capítulo anterior com algumas certezas e alguns desafios. As certezas dizem respeito à separação entre os conceitos de *diferente* e *desigual*. A partir dessa convicção, outras se desenvolvem, como o entendimento de que as diferenças dizem respeito a características naturais ou inseparáveis ao desenvolvimento humano e, por isso, positivas e necessárias. As desigualdades, por outro lado, são artificiais, isto é, não são próprias da natureza ou nasceram com a humanidade, além de serem geradoras de injustiça e desequilíbrio social, devendo, portanto, ser combatidas.

No campo dos desafios, por sua vez, percebemos que as diferenças e as desigualdades podem estar em muitos ambientes sociais. E, quanto às desigualdades, ainda percebemos que, muitas vezes, e em muitas épocas, elas podem ser naturalizadas, isto é, podem ser falsamente percebidas como resultado de elementos naturais, e não como resultado de processos históricos e sociais, como realmente são. Assim, o nosso grande desafio é observar o mundo e as várias relações sociais, tentando sempre compreender o que é diferença e o que é desigualdade. Seguindo esse desafio, vamos nos voltar, neste capítulo, para a construção da identidade brasileira e para algumas identidades internas que dividem os brasileiros por região.

2



Monumento às Bandeiras, São Paulo.

Ao falar de uma identidade brasileira, estamos nos referindo a um conjunto de características que faz com que as pessoas se sintam parte do povo brasileiro e componentes da nação. E, ao falar nas identidades internas, consideraremos ainda outras características que não são comuns a todos os brasileiros, mas a uma porção deles, e que faz com que a população se sinta parte não só da nação, mas de um subgrupo dela. Também nessa subdivisão de brasileiros, encontraremos relações de desigualdade, que algumas vezes são difíceis de perceber, pois se fazem passar por diferenças. É a esse desafio, de procurar entender um pouco melhor a identidade nacional e as desigualdades regionais, que nos voltaremos agora.



A bandeira atual do Brasil, acima, foi constituída para substituir a antiga bandeira do Império, abaixo, no segundo reinado, a fim de se criar uma identidade brasileira unificada.

A identidade das regiões do Brasil

Para avançar nesta provocação, uma pergunta é importante: questione a si mesmo sobre o quanto você conhece o Brasil como um todo, ou seja, o quanto sabe sobre a realidade do País, considerando elementos sociais, geográficos e culturais, para além da cidade e do estado em que você mora. Em outras palavras, será que você conhece todo o Brasil ou apenas parte dele?

Procure imaginar uma brasileira, entre dez e onze anos, que nunca nem mesmo visitou outra região do País. Todas as suas viagens e passeios se limitaram a cidades próximas à do seu nascimento ou até a estados vizinhos. Nunca ter visitado diferentes regiões não significa dizer que essa criança não sabe nada sobre outros lugares, afinal existem várias formas de se obterem informações além da observação direta. É possível, por exemplo, aprender em livros de Geografia ou de História, assim como visualizar os mais diversos lugares em filmes, programas televisivos, páginas da Internet, etc. Todas essas fontes de informação ajudam a formar uma imagem dos demais países e expandem o conhecimento para além das nossas possibilidades reais de ir a um lugar para poder conhecê-lo.

Pensando nesse conhecimento intermediado, a professora de Geografia propôs a essa criança, sua aluna, fazer uma pequena lista sobre as características geográficas, econômicas e culturais de cada uma das regiões desconhecidas. Se essa aluna não nasceu no Nordeste e nunca o visitou, talvez a imagem que ela tenha dessa região seja de um lugar muito seco, quase desértico, ainda que possuidor de muitas praias. Do ponto de vista econômico, a criança pode imaginar que essa é a região mais pobre do País e, quanto à cultura, ela se lembra de ter visto, em muitos períodos festivos, cidades dessa região serem citadas na televisão como locais em que ocorrem grandes festas no Carnaval e no São João.

Já se o local de nascimento da aluna não é a Região Norte, ela pode pensá-la como um lugar repleto de florestas, rios extensos e animais por todos os lados. Do ponto de vista econômico, a primeira atividade que vem à cabeça dessa criança desconhecadora da região é o extrativismo, isso porque ela ouviu, muitas vezes, falarem sobre os desmatamentos das florestas que ocupam esse lugar, assim como no tráfico de animais da região. Quanto à cultura, o que a criança consegue se lembrar também é de festas típicas como o boi-bumbá, além de caracterizar os indígenas como a população fundamental da região.

Mesmo também não tendo nascido na Região Centro-Oeste, a criança consegue ampliar a percepção geográfica da região. Por um lado, ela se recorda do Pantanal, que se caracteriza como um espaço com muita água, sendo por vezes alagadiço, além de dotado de muitas espécies animais. Por outro lado, ela também se lembra da existência do cerrado, que é definido por ela como um ambiente mais seco, com árvores pequenas e arbustos. Sobre a economia do Centro-Oeste, a aluna aponta a criação de gado e de grandes plantações e, quanto à cultura, ela não consegue se recordar de elemento algum para apresentar à professora. Sendo assim, ela segue para a região Sudeste.

Vamos supor que o Sudeste também não seja sua região de moradia e nascimento. Ainda assim, a criança acha essa região mais fácil de retratar. Quanto ao ambiente, ela chama a atenção para grandes espaços urbanos, cidades com muitos prédios e muito congestionamento de carros pelas ruas e avenidas. Quanto à economia, ela cita a produção de grandes indústrias. Sobre a cultura, ela se recorda de elementos muito modernos em museus e ao longo das cidades, além de grandes festas no Carnaval, tudo combinando com o ambiente urbano que ela visualizou a princípio.

Por fim, a criança chega à última região a descrever, a Região Sul, e ela a descreve como um lugar frio, o mais frio do País, quase o contrário da Região Nordeste, que seria a mais quente. No ambiente, ela acredita existirem campos e colinas, com matas bem altas e vinhedos, ou seja, plantações de uva. Sobre a economia, ela arrisca que existe uma grande produção de gado, já que sabe que as pessoas da região gostam muito de churrasco. Sobre a cultura, ela se recorda de danças tradicionais, com moças vestindo saias longas e rodadas e rapazes com botas e lenço, uma dança muito bonita, mas de cujo nome ela não se recorda.

Os exemplos utilizados pela aluna, como você certamente notou, apresentam falhas, pois foram repletos de informações genéricas. Assim, a aluna pensa nas identidades das regiões através de um olhar superficial, isto é, pensa nas características criadas muito mais pelo olhar distante, de quem não vive na região, do que pela experiência cotidiana.

A intenção da professora ao propor essa atividade era, portanto, levantar um questionamento sobre o que os alunos conheciam a respeito das regiões que não eram as suas e sobre o que as pessoas de outras regiões sabem sobre o lugar e as tradições de um lugar no qual não vivem.

Assim, depois da exposição dessas características por parte da aluna, a professora pediu que todos os alunos fizessem outra atividade. Seriam mostradas cinco fotos, cada uma referente a uma região do País, e a turma teria a

tarefa de apontar, com base nos conhecimentos repassados pela estudante e nos conhecimentos particulares de cada aluno, a que região cada foto estaria se referindo. As fotos vistas na sala de aula foram estas, numeradas de 1 a 5.

Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3

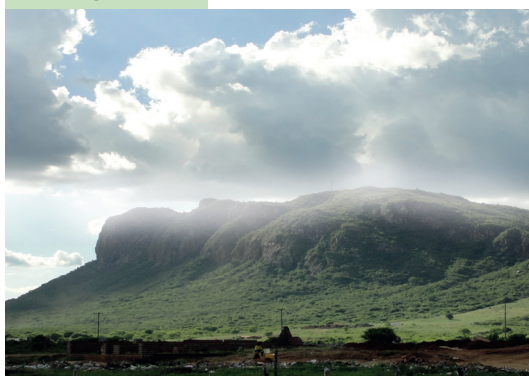


Imagem 4



Imagem 5



Depois de visualizar todas as imagens, a turma começou a discutir qual seria a região correspondente a cada uma. De início, algumas pareciam muito fáceis, a exemplo das imagens número 4 e 5. A turma concordou que a Imagem 4 se referia à Região Sudeste, caracterizada pelas grandes cidades, como a que é mostrada na foto. A Imagem 5 também lhes pareceu simples, já que, para eles, a terra rachada e o ambiente aparentemente seco combinavam com a descrição da Região Nordeste.

As outras três imagens pareceram menos óbvias, mas, ainda assim, não tão difíceis. A Imagem 3, por exemplo, dava a impressão de ser um lugar frio, com campos verdes e a aparência de colinas ou montanhas ao fundo. Por esses motivos, os estudantes atribuíram essa imagem à Região Sul do País. Depois dessa classificação, restavam apenas mais duas fotos e duas regiões, o Centro-Oeste e a Região Norte.

Nesse momento, a turma já não conseguia entrar em um consenso, mas, mesmo diante das opiniões divergentes, a maioria decidiu que a Imagem 2, fazendo referência à produção agrícola e mostrando ao fundo uma vegetação que talvez pudesse ser uma floresta, deveria ser relativa à Região Norte, fazendo com que, por eliminação, a Imagem 1 fosse atribuída à Região Centro-Oeste.

Ao fim da atividade, os alunos entregaram à professora uma folha de resposta contendo a seguinte avaliação:

Imagem 1	Centro-Oeste
Imagem 2	Norte
Imagem 3	Sul
Imagem 4	Sudeste
Imagem 5	Nordeste

Os alunos esperavam ouvir da professora uma avaliação positiva, mas se espantaram ao ouvir que, das cinco respostas dadas, apenas uma se encontrava correta. Depois de todo o tumulto que se formou, a professora transmitiu para os alunos o conjunto de respostas corretas:

Imagem 1	Centro-Oeste
Imagem 2	Sudeste
Imagem 3	Nordeste
Imagem 4	Norte
Imagem 5	Sul

A princípio, os alunos acharam que a professora não estivesse falando sério ou que as informações passadas pela aluna que caracterizou as regiões estivessem muito equivocadas, pois as respostas não estavam apenas erradas, mas eram quase o oposto do que tinham imaginado. Com a explicação, entretanto, tudo começou a se esclarecer.

O primeiro elemento mencionado pela professora foi a respeito da caracterização feita pela aluna. De acordo com ela, as respostas dadas não estavam erradas, mas correspondiam a uma imagem parcial das regiões. De fato, o Nordeste brasileiro possui regiões muito secas, porém essa não é a realidade de toda a região. A Imagem 3, por exemplo, comprova essa afirmação retratando uma cidade cujas características fizeram os alunos pensarem na Região Sul, quando, na verdade, localiza-se no Estado de Pernambuco. A imagem faz referência à cidade de Serra Talhada, localizada a 414 km da capital do Estado, Recife.

A professora também confirmou a existência de muitas matas e rios na Região Norte, onde está localizada a Floresta Amazônica, mas, ainda assim, a região também possui grandes centros urbanos, como é o caso da cidade de Manaus, retratada na Imagem 4. A Região Centro-Oeste, único acerto da turma, foi representada pela Imagem 1, retratando uma cavalhada, mostra da cultura da região que traz a representação de batalhas entre os cristãos e os mouros, ocorridas na Península Ibérica, e que remete à história do povo português, colonizador do Brasil.

O Sudeste, lembrado pelos seus grandes centros urbanos, também possui grandes áreas rurais, como está representado na Imagem 2, que chama a atenção para um ambiente produtivo ligado à agricultura familiar no Estado de São Paulo, atividade que também é importante para o equilíbrio econômico de outros estados brasileiros. A Região Sul, por fim, bem identificada pela estudante quanto às suas características ambientais, também sofre, em alguns espaços, com a falta de chuva, que compromete muitas culturas agrícolas.

As imagens selecionadas pela professora induziam ao erro por irem ao sentido oposto à visão externa associada às regiões. Mas a intenção do exercício não era simplesmente levar ao erro, e sim começar a desconstruir essas imagens, presumidas, estereotipadas, etc. Incentivando a percepção de que, mesmo corretas, as referências iniciais apenas dão conta de parte das características. Em qualquer um dos estados brasileiros, teremos lugares mais ricos ou mais pobres, mais urbanos ou mais rurais. Faz parte do nosso desafio, para enxergar as diferenças e desigualdades, estarmos abertos para a percepção da diversidade de realidades, que muitas vezes foge ao nosso conhecimento.



Victoriano Júnior

A cidade de Triunfo, em pleno sertão pernambucano, pode induzir ao erro sobre a região em que se localiza no Brasil. Com arquitetura europeia e temperaturas que chegam, no inverno, a 11 °C, ela poderia passar facilmente como uma cidade da Região Sul. Entre os fatores favoráveis a esta condição, está sua altitude de 1.004m.

Depois dessa ilustração que, assim como o exercício, pretendia mostrar que as regiões do Brasil são mais cheias de diversidades internas do que poderíamos supor a princípio, devemos nos voltar para a construção de uma identidade brasileira e, indiretamente, para o surgimento de algumas identidades regionais.

A formação da identidade nacional

As imagens externas de cada uma das regiões brasileiras são resultado de uma generalização, ou seja, de um resumo de algumas características que são consideradas as mais importantes. Como em qualquer generalização, essas imagens não são capazes de retratar a realidade como um todo e, às vezes, ainda podem fornecer uma visão limitada, estereotipada, fazendo com que, como vimos no exercício das fotos, algumas situações possam ser surpreendentes.

Se já é difícil definir em algumas características a realidade de uma região, imagine fazer o mesmo a respeito da realidade brasileira, que engloba todas as realidades regionais. Ou seja, se o País possui regiões com características bastante urbanas e outras cheias de florestas, diremos que o País se caracteriza por espaços mais urbanos ou mais próximos ao natural? Se em uma região se come muito açaí e em outra muitos alimentos à base de

milho, podemos dizer que esses dois alimentos predominam na identidade alimentar de todo o Brasil ou só das regiões?

O desafio de pensar uma identidade nacional é, de fato, muito complexo, e nele está contida uma questão fundamental: **o que é ser brasileiro?** Responder a essa pergunta é responder sobre os elementos que constituem a identidade nacional, independentemente das regiões, e que fazem com que brasileiros de lugares distintos se sintam parte de um todo, bem como se sintam diferentes de outros grupos nacionais, como os argentinos, uruguaios ou portugueses.

Pode parecer que existem algumas formas muito simples de responder a essa pergunta, como apontando características comuns, a exemplo do idioma, da alimentação ou dos traços culturais. Mas a verdade é que responder a ela requer um esforço muito grande, uma vez que, para além de igualdades, há também muitas diferenças, não só entre regiões distintas, mas dentro de cada um dos estados, como começamos a ver com as imagens destacadas.

A resposta à pergunta que norteia esta seção já foi construída e reconstruída muitas vezes e agora mesmo ela não está pronta, mas em processo de transformação. Para entendermos um pouco melhor as respostas que foram dadas e nos aproximarmos de uma perspectiva atual, vamos recorrer à História, especificamente à história da construção da identidade nacional.

Pós-independência: esboço de uma identidade

Nas primeiras vezes em que a pergunta “O que é ser brasileiro?” foi apresentada como um questionamento essencial, o Brasil estava começando a ser pensado como uma nação e era necessário saber o que caracterizava essa nação e quem era o seu povo. Essa época diz respeito ao período **pós-independência**, isto é, ao momento em que o Brasil deixou de ser posse de Portugal e passou a ser politicamente autônomo.

Esse processo de independência atingiu não só o Brasil, mas também outros países da América Latina que foram colônias de reinos europeus. O que diferencia a realidade brasileira de todas as outras, entretanto, é que o processo de independência não foi conduzido por grupos que se rebelaram contra os colonizadores (como aconteceu na maior parte dos demais países). No Brasil, a independência foi orquestrada por um membro da Coroa portuguesa, que se tornou, adiante, o primeiro monarca do Brasil independente.

Desse fato, podemos retirar duas importantes características que ajudaram na construção da identidade brasileira. A primeira é o fato de o Brasil ter sido o único país da América Latina a ter sido uma monarquia, o que fez com que se estimulasse a visão de um país mais organizado do que os seus vizinhos, além de mais nobre, mais ordeiro, mais distante do radicalismo, enquanto os demais eram considerados, na época, países frágeis, desorganizados, sem nobreza, além de mestiços.



Reprodução

Retrato de D. Pedro I, de Simplício Rodrigues de Sá, século XIX. D. Pedro I proclamou a Independência do Brasil em 7 de setembro de 1822.

Você deve imaginar que começar um relacionamento com os países vizinhos a partir desse olhar de superioridade não deve ter feito o convívio ser muito bom, e realmente não foi. As elites brasileiras não só conduziam o governo partindo de tal ilusão de superioridade, mas também alimentavam essa crença na população, através da construção da escrita oficial da história. Essa visão pejorativa dos vizinhos fazia com que o Brasil não se aceitasse como um país semelhante aos demais, em sua realidade de ex-colônia, e com que esses países também não vissem o Brasil como um igual.

De acordo com o historiador Durval Muniz, o Brasil manteve, até pouco tempo atrás, uma postura diplomática que ignorava os vizinhos, voltando-se para a Europa e para os Estados Unidos, enquanto nossa produção cultural e intelectual silenciava sobre povos e nações tão próximos a nós. Uma forma de visualizar essa realidade é tentar imaginar e listar (como no exercício das fotos) elementos relacionados a países europeus ou aos Estados Unidos e compará-los, em número, ao que você sabe sobre os países mais próximos. Pergunte-se, por exemplo, sobre cidades, monumentos, músicos ou escritores de países como a Argentina, o Uruguai, o Paraguai, o Chile, a Colômbia, todos muito mais próximos geograficamente do que a Europa ou os Estados Unidos.



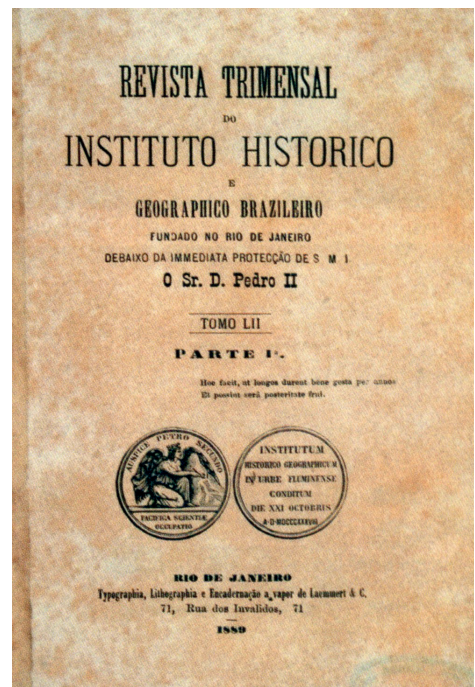
Reprodução

No centro da fotografia, Conselheiro Rodrigues Alves (presidente do Brasil de 1902 a 1906) com sua família, na antiga Igreja de Aparecida, São Paulo, em 1913. No início do século XX, quem ditava a moda, a cultura e os costumes da sociedade brasileira era a França. Essa fase ficou conhecida como **Belle Époque**.

A segunda característica que auxilia a formação da identidade nacional do período e separava o Brasil ainda mais dos seus vizinhos era o relacionamento que existia entre o país e o ex-colonizador — no nosso caso, Portugal. A visão atual de que durante a colonização as riquezas brasileiras foram exploradas e aproveitadas pelos portugueses, sem serem revertidas em crescimentos internos, não era popular na época.

Enquanto outros países da América Latina já reclamavam do tratamento recebido pelos antigos colonizadores, a identidade que se tentava construir para o Brasil prestava muitas homenagens aos portugueses. O período de colonização chegava a ser considerado como um grande favor, capaz de levar o Brasil ao estado de desenvolvimento em que se encontrava e de diferenciá-lo da realidade dos vizinhos.

Nenhuma dessas características ou comportamentos a respeito dos países vizinhos surgiram naturalmente. Na verdade, desde a independência os grupos que continuaram sendo a elite política, econômica e social do País (pois a independência não trouxe uma mudança) começaram a se preocupar com a necessidade de construir uma identidade nacional. Foi em torno dessa preocupação que foi criado, no ano de 1838, o **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)**, uma vez que é também através da visão da História e da Geografia que se constrói muito do que um país é ou, pelo menos, o que se deseja que ele se torne.



Reprodução

Capa da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1889.

O Instituto tinha a participação direta de D. Pedro II, que, junto com estudiosos do período e outras pessoas influentes, dedicou-se a escrever a história que o Brasil tivera até aquele momento. Com interesse de manter a boa imagem dos portugueses e da colonização portuguesa, a história que se escrevia exaltava a colonização e deixava de contar, ou interpretava de forma parcial, fatos e acontecimentos desfavoráveis, que retratassem abusos dos portugueses ou a insatisfação do povo.



Reprodução

D. Pedro II foi o Imperador do Brasil de 7 de abril de 1831 a 15 de novembro de 1889. Fotografia feita em 1870.

A Inconfidência Mineira (tentativa de revolta separatista ocorrida durante o ciclo econômico do ouro), por exemplo, está entre os acontecimentos que eram descritos de forma negativa na época, diferentemente do que ocorre hoje. Nesse primeiro momento de construção da identidade nacional, a Inconfidência era vista como uma ameaça à soberania e à unidade do Brasil, que só representava hostilidade e uma tentativa de enfraquecer o domínio português.

Também foi nesse período que nasceu a crença do Brasil como uma nação pacífica e ordeira, **ideia** que estava de acordo com as intenções dos grupos que comandavam o País, mas que divergia da realidade. A própria história do Império brasileiro torna possível questionar essa ideia, uma vez que muitas revoltas aconteceram perturbando a ordem e a paz que se desejava afirmar que existiam. Fora do território brasileiro, a Guerra do Paraguai foi

outro acontecimento que colocou em conflito essa **ideia** do Brasil como uma nação necessariamente pacífica, pois o Império se envolveu, juntamente com a Argentina e o Uruguai, em uma guerra que arruinou aquele país.

É ainda nessa primeira tentativa de construir a identidade nacional que se começa a pensar no povo brasileiro como uma união de três povos: os portugueses, os indígenas e os negros. União que, na época, considerava a existência não apenas de um grupo indígena e um grupo de origem africana, mas de vários, com culturas e habilidades que contribuíram para a construção de outra identidade nacional, que se desenvolvia pela mistura



Reprodução

dos povos e se diferenciava da que as elites tentavam escrever e impor.

No entanto, não só a produção de obras históricas e geográficas contribuiu para a elaboração de uma primeira resposta às perguntas sobre o que é o Brasil e quem são os brasileiros. Também as obras literárias do período ajudavam a desenvolver as características da brasilidade. A literatura, principalmente a produção localizada na escola literária romântica, elegeu temáticas que até hoje são utilizadas para representar o Brasil.

Foi o Romantismo brasileiro que primeiramente apresentou a natureza como um elemento fundamental para a identidade nacional. Por mais que a beleza e a diversidade da natureza local já tivessem sido reconhecidas — elas são mencionadas já na *Carta* de Pero Vaz de Caminha —, é na produção romântica que elas passam a ser um elemento identificador. Ainda hoje, ao se falar sobre o Brasil, é comum que se faça referência à beleza e ao esplendor dos ambientes naturais.

Os românticos também ajudaram a criar uma imagem um tanto mitológica em torno dos indígenas brasileiros. Juntamente com a exaltação da natureza, valorizava-se o homem natural, puro, autêntico, pouco contaminado pelas questões sociais do mundo moderno, o que fez a literatura eleger o indígena como modelo desse homem. Mas essa valorização não se voltava para as reais características desses povos, destacando apenas o que fosse aceitável para os padrões do momento.



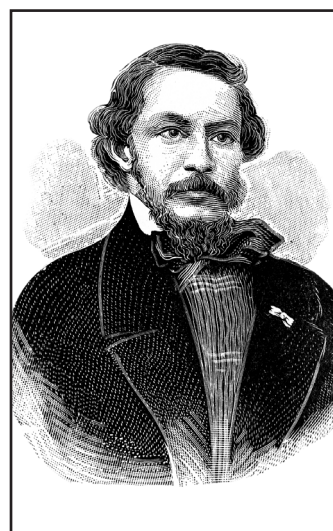
Reprodução

Detalhe de *Iracema*, de José Maria de Medeiros, século XIX.

Assim, construiu-se um indígena europeizado, ou seja, um modelo de nativo que, na verdade, não correspondia às identidades dos grupos dizimados durante a colonização, mas a características e valores europeus, levemente adaptados. As obras do cearense José de Alencar são um importante exemplo dessa expressão literária, entre as quais estão os livros *Iracema*, *O Guarani* e *Ubirajara*. O poeta maranhense Gonçalves Dias também contribuiu para esse indianismo através de obras como *Canção do Exílio* e *I-Juca Pirama*.

Ao mesmo tempo que essa imagem era construída dentro do Brasil, o olhar externo se espantava com a manutenção da escravidão, uma vez que, a essa época (meados do século XIX), ela já havia sido extinta na maior parte dos países. Na verdade, além de ter sido a única monarquia da América Latina, o Brasil também foi o último país da região a abolir a escravização.

Relatos de viajantes descreviam as cidades brasileiras, destacando a venda de negros escravizados em praça pública e a necessidade que a população branca tinha dessa parcela da população. Os trabalhos físicos eram tão malvistas que grande parte da população branca sequer carregava pacotes nas ruas, dependendo dos escravizados não só como **mão de obra** da economia do País, mas também para executar tarefas rotineiras.

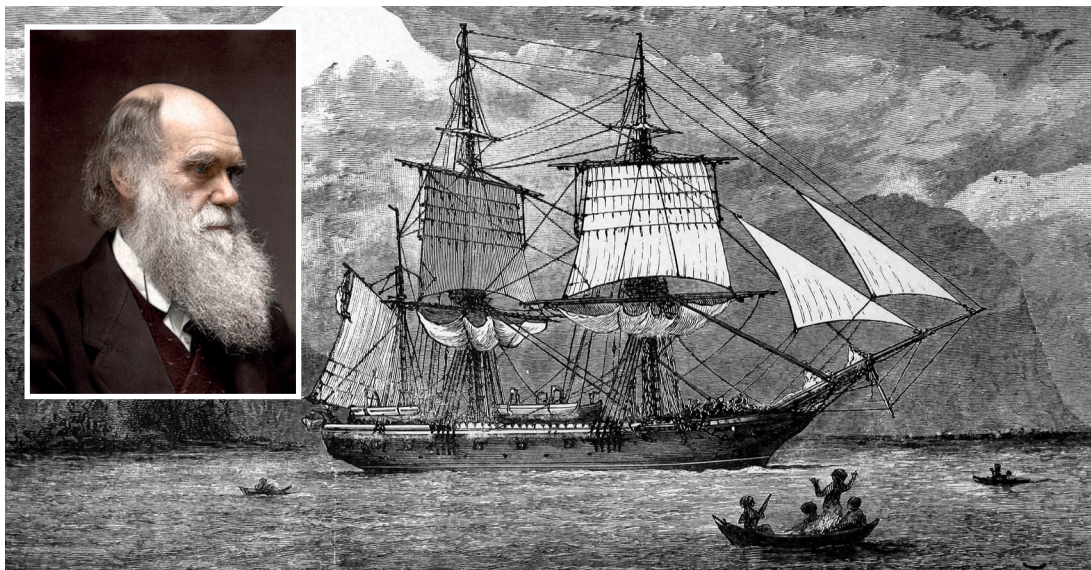


Reprodução



Reprodução

Acima, Antônio Gonçalves Dias.
Abaixo, José de Alencar.

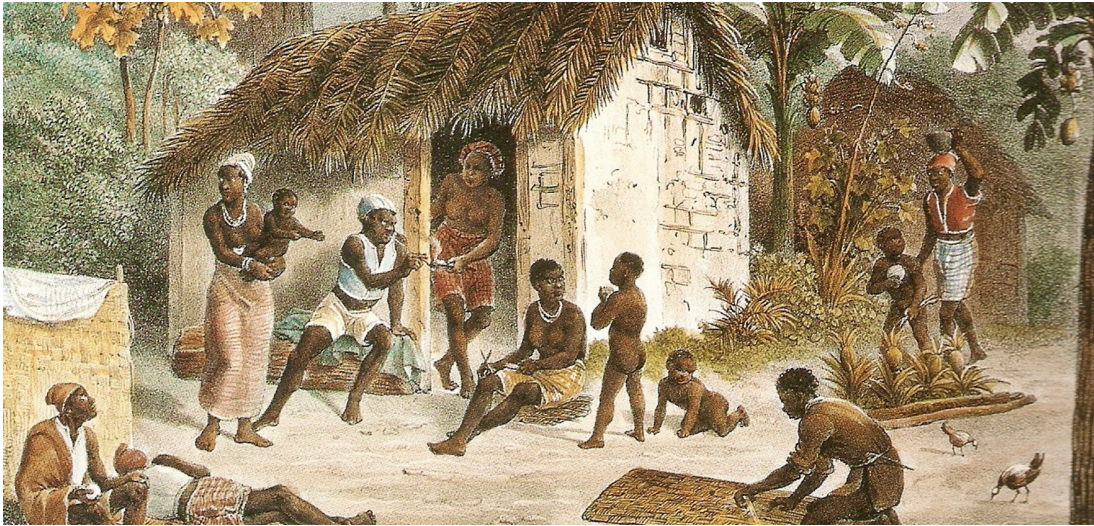


Em 1832, Charles Darwin passou quatro meses no Brasil, durante sua viagem a bordo do navio Beagle em direção às Ilhas Galápagos. Assim ele descreveu a escravidão no Brasil: “Espero nunca mais voltar a um país escravagista. O estado da enorme população escrava deve preocupar todos que chegam ao Brasil. Os senhores de escravos querem ver o negro como outra espécie, mas temos todos a mesma origem num ancestral comum. O meu sangue ferve ao pensar nos ingleses e americanos, com seus ‘gritos’ por liberdade, tão culpados de tudo isso”.

O trabalho braçal era malvisto, justamente porque era realizado por escravizados, de forma que, ao trabalhador braçal, era atribuída uma posição social de inferioridade. Essa atribuição não é nova, pois na Grécia Antiga, por exemplo, o trabalho braçal também era realizado por escravizados, e eles chegavam a ser considerados “instrumentos que falavam”. A visão sobre o trabalho braçal no Brasil herda da perspectiva grega a noção de que a atividade mais importante era a intelectual, e não a física, vendo a realização desta última como uma barreira para a primeira.

Essa visão do Brasil fez com que muitos estrangeiros em visita descrevessem o País como um lugar condenado ao atraso e o povo como preguiçoso. Este é um exemplo de construção de uma imagem externa, feita por quem não é do Brasil, mas que acaba sendo considerada importante e se perpetuando. Essa visão estereotipada continua sendo repetida, mesmo que já se saiba ser falsa, em estados em que a quantidade de escravizados foi maior, como o Rio de Janeiro e a Bahia, mencionados, algumas vezes, como locais em que não se gosta de trabalhar.

A influência dessa visão externa e a observação da realidade fizeram com que a própria literatura brasileira se transformasse e passasse também a questionar a manutenção da escravidão no Brasil e a desumanidade com que os escravizados eram tratados. A literatura romântica passou a incluir também uma geração de poetas dedicados à questão abolicionista, entre os quais estão o baiano Castro Alves, o fluminense Fagundes Varela e o sergipano Tobias Barreto.

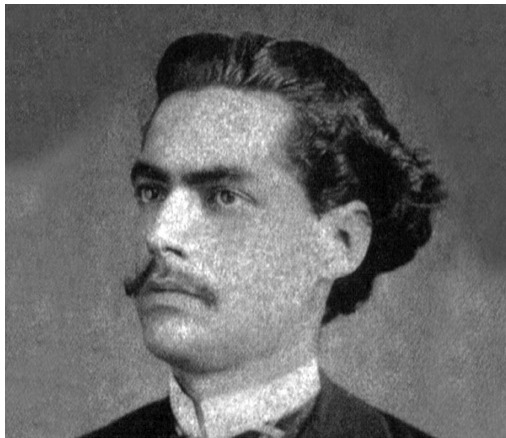


Reprodução

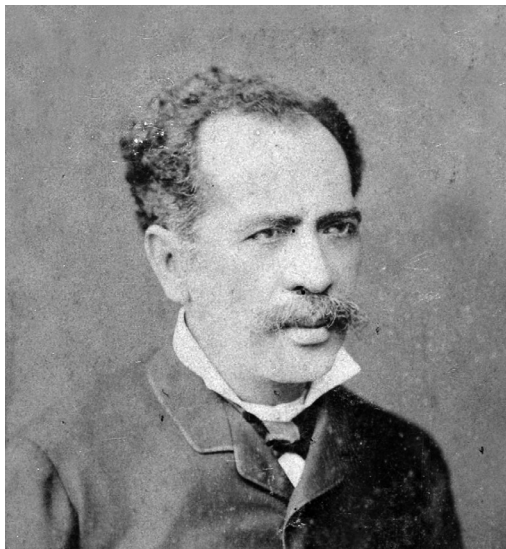
Habitação de negros, de Johann Moritz Rugendas, século XIX. As condições de vida a que os escravos eram submetidos despertou a indignação de toda uma geração de abolicionistas.

A atuação mais social desses poetas e pensadores abriu espaço para o surgimento de novas escolas literárias, com destaque para o Realismo e o Naturalismo. Essas escolas substituíram a atenção dada à natureza e aos indígenas pela observação dos problemas sociais existentes na sociedade escravista e que permaneceram após ela. Os personagens principais passaram a ser os negros e mestiços, seus lugares de moradia, sua pobreza e seus comportamentos.

São exemplo dessas narrativas os romances naturalistas do maranhense Aluísio Azevedo, *O cortiço*, *O mulato* e *Casa de pensão*. Assim como os romances realistas do fluminense Machado de Assis, que, mesmo não se voltando diretamente para os ambientes e costumes da população negra e mestiça, como ele mesmo era, trabalhou as questões através de personagens secundários em muitas de suas obras.



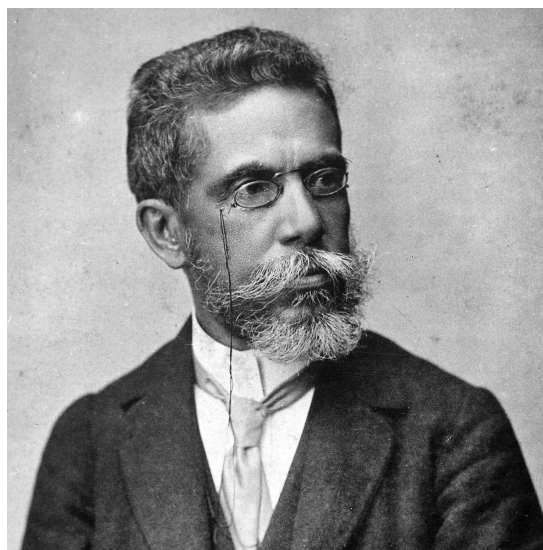
Reprodução



Reprodução

Acima, Castro Alves; abaixo, Tobias Barreto.

Esses textos e seus autores, muitos deles envolvidos nas causas republicanas e abolicionistas (se não nas suas obras, nos trabalhos para os jornais da época), apontavam para uma reconstrução da identidade nacional e para a necessidade de mudanças políticas na estrutura que administrava o País. As transformações culminaram na Abolição da Escravatura, em 1888, na Proclamação da República, em 1889, e na produção de uma nova Constituição, em 1891.



Reprodução

Machado de Assis aos 57 anos.

O Brasil dentro do Brasil: percepção de outras realidades

A grandiosidade dessas alterações fez com que a identidade nacional, que nem havia sido consolidada, precisasse ser revista. Como o Brasil também passaria a ser uma federação, era preciso se preocupar não só com a identidade nacional, mas também com a identidade de cada um dos estados independentes que compunham o País. Por isso, nesse período foram criados diversos institutos históricos nos estados, encarregados de escrever histórias particulares, em meio à história geral do Brasil.

Ao construir histórias particulares, iniciou-se a ampliação do que se compreendia como uma **brasildade**, afinal os brasileiros de um estado poderiam ser bem diferentes dos brasileiros de outros. A busca por essas identidades também passou a compreender que existiam partes do Brasil que eram desconhecidas, destacadamente as regiões interioranas.

Por mais que a extensão territorial do Brasil fosse conhecida, as identidades que estavam se construindo, até aquele momento, limitavam-se ao conhecimento de algumas regiões litorâneas e a alguns espaços, que ganharam

destaque devido aos ciclos econômicos do País. Havia, entretanto, pouco conhecimento sobre a realidade vivida no interior.

Nesse contexto, o levante de Canudos ajudou a chamar a atenção para esses desconhecimentos. Em 1896, começou um conflito armado que movimentou o exército do País e que direcionou os jornais e as discussões da época para uma cidade no interior da Bahia e para uma realidade muito diferente da vivenciada no litoral. No período, jornalistas acostumados com a realidade das capitais foram enviados para a cidade baiana, entre outros motivos, a fim de entender o que acontecia.

Entre esses jornalistas, estava Euclides da Cunha, enviado pelo jornal *A Província de São Paulo* (atual *O Estado de S. Paulo*). Durante seu trabalho como correspondente, ainda coletou informações utilizadas para produzir o livro *Os sertões*. Na obra, além do conflito, Euclides fala do espaço geográfico e da população. Este foi um esforço necessário, uma vez que não só os motivos do conflito eram desconhecidos, mas também toda a realidade do sertanejo.



Euclides da Cunha, correspondente do jornal *A Província de São Paulo*, hoje *O Estado de S. Paulo*, relatou a Guerra de Canudos no seu célebre livro *Os sertões*. Essa obra serviu para denunciar as atrocidades cometidas pelo Exército Brasileiro na repressão ao movimento.

Na literatura, obras como *Os sertões* foram enquadradas como **pré-modernistas**, isto é, obras que antecederam e até inspiraram a produção literária do período moderno. A partir do pré-modernismo, existiu um interesse pela população que não vivia nas grandes cidades, seja porque vivia distante, no sertão e nas regiões interioranas, seja porque vivia próximo, mas excluída nas realidades periféricas. Foi nesse contexto, por exemplo, que surgiu a imagem do “favelado” (termo já em desuso) como aquele que habita em moradias irregulares nas periferias das grandes cidades.

As obras costumavam chamar a atenção para injustiças sociais, que eram esquecidas tanto pelo Estado quanto pelos demais brasileiros, que sabiam de muito pouco, diante da imensidão do País. Já nessa época, era como se existissem vários brasis, muito diferentes entre si. Existia, por exemplo, o Brasil da riqueza produzida pelo café, dos impérios da cana-de-açúcar e da urbanidade, opondo-se ao Brasil das secas, das doenças endêmicas e das matas. Cada um dos lados constitui uma face da nação, mas nenhum deles é suficiente para entender tudo.

Fora das obras literárias, o período econômico pelo qual o País passava também auxiliou na continuidade da produção de uma identidade nacional. O domínio político e econômico do Estado de São Paulo influenciou a construção de identidades e discursos que ressaltavam a superioridade da cidade em relação ao interior e, de certa forma, a outros estados do País.



Cena de família de Adolfo Augusto Pinto, de José Ferraz de Almeida Júnior, século XIX. Devido à Política do Café com Leite, Minas Gerais e, principalmente, São Paulo dominaram por muito tempo o cenário político e econômico do Brasil.

Nasceu, nesse período, a figura do caipira como aquele que é simplório, preguiçoso, analfabeto e pouco civilizado. Características que encontrariam oposições nas pessoas da cidade, que seriam sofisticadas, trabalhadoras, cultas e civilizadas. Note que esta não é uma imagem do interior criada pelo próprio interior, e sim uma imagem externa. Certamente, muitas pessoas que viviam no interior, no momento em que essas ideias foram desenvolvidas, discordaram. Ainda assim, as ideias se mantiveram e ainda têm alguma aceitação nos dias atuais.

Pense um pouco em filmes, livros e novelas que se ocuparam em retratar personagens de regiões interioranas, definidos como caipiras. Normalmente, a caracterização dos personagens envolve falar utilizando desvios da norma-padrão da língua, ser bastante simples (às vezes até bobo), além de desconhecedor de normas sociais. Esses personagens são utilizados com frequência

quência para fazer humor e muito raramente para destacar a inteligência ou as vantagens da vida no interior. Na verdade, até mesmo alguns dicionários continuam relacionando o significado da palavra **caipira** à falta de instrução e aos modos rudes e de pouco convívio social.



Reprodução

Apertando o lombilho, de José Ferraz de Almeida Júnior, século XIX. A maioria da população brasileira, no final do século XIX, ainda era basicamente agrária. Quem vivia no campo era retratado como inculto, sem educação e rude.

A compreensão do que seria “ser brasileiro” começava a se ampliar, porém, enquanto essa expansão se constituía, mais uma vez questões mais amplas passaram a exigir atenção e a modificar a construção da brasilidade. Nesse contexto, a ocorrência da Primeira Guerra Mundial impactou a formação da identidade nacional.

Um Brasil novo, moderno e misturado

Você pode se perguntar como uma guerra que se desenrolou em um território tão distante, tendo o Oceano Atlântico de separação, já que a maior parte do conflito ocorreu no continente europeu, pode ter influenciado a compreensão do que é ser brasileiro. Mas, como o próprio nome enuncia, essa grande guerra teve impactos mundiais, atingindo não só os territórios em que ocorriam diretamente, mas a maior parte do mundo.

Entre as várias **consequências** dessa guerra estão a crise gerada nos países da Europa e a ascensão do poder econômico e político de países do continente americano, como o Canadá e, principalmente, os Estados Unidos.

Diante dessa situação, a Europa, que ainda era inspiração para a construção da identidade nacional, passou a ser substituída pelos Estados Unidos.

Essa troca fez com que filhos de famílias ricas já não fossem completar seus estudos em países da Europa, e sim nos Estados Unidos, como foi o caso do sociólogo e historiador recifense Gilberto Freyre, de quem falaremos mais adiante. Mas essa mudança de rota na formação das elites do País não resume toda a transformação desse período. Com a valorização dos Estados Unidos e a desvalorização da Europa, passaram a ser admiradas ou rejeitadas as características dessas regiões, com destaque para a separação entre o velho e o novo.

Tudo o que fazia menção à Europa, na história, nas instituições, nas construções arquitetônicas e nos monumentos clássicos, deixou de ser visto como beleza tradicional insuperável para ser compreendido como ultrapassado e não preparado para lidar com os conflitos da modernidade. Por outro lado, nos Estados Unidos tudo parecia ser novo, a ser construído, sem velhas tradições que limitassem. Assim, o que era velho e tradicional passou a ser visto como decadente, e o que era novo e sem costumes estabelecidos passou ser compreendido como criativo, aventureiro e moderno.



O Teatro Amazonas foi construído em 1896, durante o auge do ciclo da borracha, sendo exemplo de arquitetura baseada no *Art Nouveau*. Esse movimento artístico francês, que, no início do século XX, era visto como padrão de beleza no Brasil, passou a ser visto como ultrapassado, com a chegada dos padrões artísticos norte-americanos.

Para a criação da brasilidade, essa preferência pelo que é novo, em detrimento do que é tradicional, contribuiu para reforçar a valorização dos centros urbanos e do Estado de São Paulo como grande representante desses ambientes. O movimento literário iniciado com a Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922, captava bem a construção desses sentimentos de valorização da modernidade estadunidense e da vida urbana.

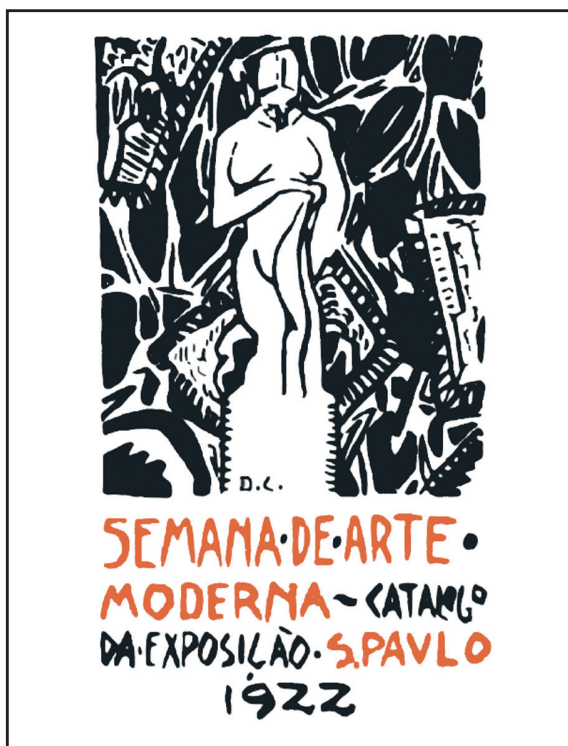
Esse movimento expressava, no campo cultural, a hegemonia econômica e política do Estado de São Paulo e a tendência de esta ser considerado pelas suas elites como a locomotiva que puxava os demais estados da Nação. Mais uma vez, procure perceber que esta é uma visão parcial do Brasil. Ainda que não se possa negar a importância do Estado de São Paulo para a economia do País, é preciso mais do que isso para desconsiderar a importância dos outros estados.

Essa valorização de São Paulo contribuiu para o surgimento de valorizações desiguais de algumas regiões do País e para a construção de alguns preconceitos de origem geográfica. Enquanto São Paulo era associada à modernidade e ao futuro, outras cidades eram retratadas como atrasadas e presas ao passado.

A arte modernista valorizava o que era moderno e tecnológico ao mesmo tempo que tentava, assim como os românticos, encontrar o lugar de fala do Brasil, ou seja, suas características fundamentais e sua identidade. Nesse momento, é retomada a compreensão de que o Brasil é resultado da união de três povos: os portugueses, os indígenas e os africanos.

A desvalorização dos portugueses, ocorrida logo após a Proclamação da República e que se manifestava em piadas e brincadeiras inferiorizando esse povo, passa a ser deixada de lado, pois eles voltam a ser compreendidos como parte necessária para a construção da identidade nacional. Além da revalorização dos portugueses, os modernistas trazem como novidade certa valorização da contribuição africana.

Esse movimento artístico e cultural também possui o mérito de ressaltar a diversidade como um elemento fundamental para a identidade do Brasil. Mesmo que os componentes dessa multiplicidade de expressões não fossem tratados de maneira equilibrada, existia uma compreensão de que várias artes e culturas (internas e estrangeiras) participavam da formação da cultura do País.



Reprodução

A *Semana de Arte Moderna de 1922* procurou romper com os padrões estéticos europeus tradicionais adotados pela elite da República Velha. Acima, cartaz de divulgação.

Nas décadas seguintes, surgiu uma geração de intelectuais ocupados em uma nova interpretação do Brasil, dessa vez tendo como base estudos e teorias vindos das Ciências Sociais. Três das mais importantes obras utilizadas até hoje para tentar compreender a Nação foram produzidas nesse período, entre elas *Casa-Grande & Senzala* (1933), do já citado Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Hollanda, e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), de Caio Prado Jr.

Diferentemente da maior parte da produção que havia sido desenvolvida antes, essas obras possuíam maior solidez teórica e maior elaboração argumentativa. Em outras palavras, elas se apoiavam em concepções das Ciências Sociais e Humanas mais amplas, buscando conceitos e **ideias**-chave a partir das quais se pudesse interpretar o Brasil. Por mais que elas e os seus autores possam ser questionados na atualidade, suas produções precisam receber o mérito de encarar a identidade nacional como um objeto de estudo complexo.

Entre essas, a obra de Gilberto Freyre e a interpretação desse autor para a realidade nacional continuam sendo inspiração para a produção de obras mais recentes, bem como para a compreensão do Brasil. Freyre retoma as três matrizes de constituição do povo brasileiro para tratar da mistura étnica. De acordo com ele, essa mistura se torna possível graças ao temperamento não preconceituoso dos portugueses, que aceitam se misturar com os negros, e principalmente as negras, formando a mistura brasileira, na qual também não existia preconceito.



Reprodução

De acordo com a obra de Gilberto Freyre, os portugueses, por não serem preconceituosos, misturaram-se aos negros, dando origem, assim, à mistura étnica brasileira. Acima, escravizados em uma fazenda de café fotografados por Marc Ferrez, em 1885.

Mesmo não tendo negado a existência da violência física e psicológica no período da escravidão, Freyre acreditava que existia no período certo diálogo, embora no fim prevalecesse a vontade dos senhores. Para muitos críticos da obra, em *Casa-Grande & Senzala* há uma visão que desconsidera a dimensão da violência sofrida pelos negros e que procura amenizar as crueldades ocorridas. Há pensadores que apontam ainda outras falhas na obra, como dar pouca atenção às contribuições indígenas e adotar um ponto de vista elitista.

Muito mais do que uma mistura do ponto de vista biológico, Freyre acreditava que existia no Brasil uma mestiçagem cultural. Para ele, os filhos nascidos da relação entre negros e brancos seriam pessoas naturalmente sensuais e seriam responsáveis por tornar essa sensualidade uma característica cultural do Brasil como um todo.

Para se referir às pessoas nascidas dessa mistura étnica, era comum, e ainda é, a utilização das palavras *mulato* e *mulata*, mas, com o passar do tempo e com estudos específicos, grupos que reivindicam a diminuição da desigualdade entre negros e brancos passaram a rejeitar essas palavras, pois, em sua origem, elas têm relação com o animal mula (resultado do cruzamento entre espécies diferentes), sendo identificado como uma forma preconceituosa de desumanizar essas pessoas.

Por esse motivo, essa palavra será evitada ao longo do livro. Utilizaremos as palavras *mestiço* e *mestiça*, quando for necessário tratar de uma parte da população que, no momento a que o livro se refere, não era vista como negra nem como branca. Porém, a palavra *mestiço* também carrega problemas, pois dá a entender que existiam grupos étnicos puros antes do encontro das etnias.



Reprodução

Uma das falhas da obra de Gilberto Freyre, segundo alguns pensadores, é amenizar as violências sofridas pelos escravizados e admitir que havia certo diálogo entre eles e os senhores. Acima, fotografia feita em 1874, de Alberto Henschel, mostrando a babá com o menino Eugen Keller.

Freyre e autores inspirados pela sua perspectiva, como os romancistas Jorge Amado e José Lins do Rego (ambos retratam a sensualidade dos mestiços brasileiros em algumas obras), ajudaram a construir no exterior uma imagem de que esse atributo é uma das mais importantes características do Brasil.

Ainda que, na sociedade da época, os negros tivessem pouca valorização, na literatura os mestiços passaram a ser tratados como os grandes representantes do Brasil, já que o País começou a ser caracterizado como uma nação misturada por excelência. O Brasil passou, então, a ter um rosto e um conjunto de práticas características, sendo esse rosto o do mestiço, e essas práticas, os seus costumes.

Como já foi dito, essa parte da população era normalmente caracterizada como possuidora de uma sensualidade natural, além de certa esperteza e de um comportamento malandro, que não pode ser controlado, nem mesmo pela moral, que muitas vezes é afastada da compreensão desses grupos. Mais uma vez, temos uma caracterização através de uma observação externa, ou seja, não se buscou ouvir do mestiço o que é ser mestiço e o que é ser brasileiro. Foram outras pessoas, em geral membros de uma elite política e econômica não mestiça, que criaram o significado do que é ser mestiço.

Essa **ideia** de sensualidade brasileira, encarnada principalmente nas mulheres negras, ainda é disseminada na atualidade, como pode ser visto com especial clareza em festas populares como o Carnaval. Foi, inclusive, nesse período de caracterização do Brasil pela mestiçagem (e da caracterização da mestiçagem através da sensualidade), que o Carnaval e o samba foram apresentados ao mundo como expressões nacionais, quando na verdade essa festa e esse gênero musical não são igualmente populares em todos os estados e regiões do País.



Reprodução



Reprodução

Acima, Gilberto Freyre; abaixo, Jorge Amado.



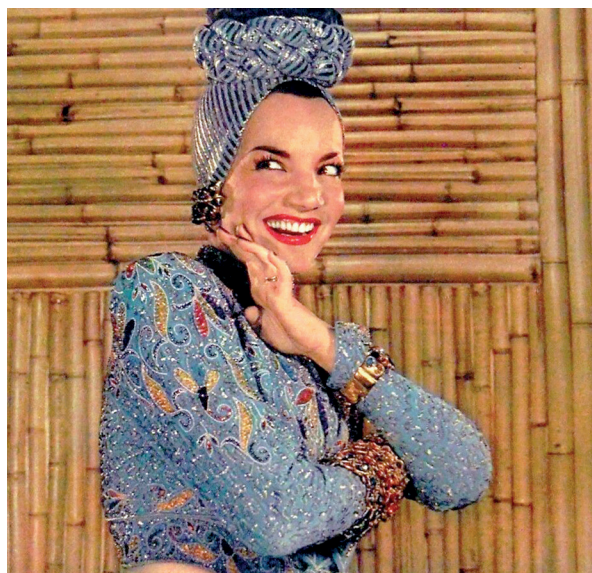
O samba foi apresentado ao mundo como uma expressão artística unânime em todo o território nacional, o que não é verdade. Por exemplo, o frevo, em Pernambuco, é o ritmo mais executado durante o Carnaval do estado.

Antes de prosseguir para tratar de alterações na identidade brasileira em projetos nacionais mais recentes, é importante esclarecer que a caracterização da sensualidade das mulheres negras e pardas não é vista com bons olhos por movimentos feministas atuais. Estes percebem nessa construção uma atribuição preconceituosa, limitadora e estimuladora de muitas violências contra mulheres brasileiras, em especial as que possuem de maneira mais evidente traços estéticos ligados à matriz africana.

O governo de Getúlio Vargas, caracterizado pelo nacionalismo, não ignorou essa mudança na percepção da identidade nacional e, por isso, criou políticas de incentivo e de valorização da cultura brasileira. Para tanto, foi criado o **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** (Iphan), bem como uma política oficial de estudo, redescobrimto e valorização das expressões culturais brasileiras.

Muitos elementos culturais que antes eram ignorados ou perseguidos passaram a ser valorizados por essa política, ainda que, em alguns deles, o estímulo ao seu desenvolvimento viesse junto com uma intenção de controle pelas autoridades. Em outras palavras, ao mesmo tempo que esse período fornecia estímulos para a cultura brasileira, também limitava uma expressão que não estivesse de acordo com as intenções políticas das autoridades. As expressões populares passaram a ter espaço, mas muito menos como uma fala autônoma do que como uma expressão a serviço do Estado.

Fora do País, crescia a simbologia do Brasil do Carnaval, do samba, da sensualidade, da ma-landragem e do exótico, conjunto de características personificado em figuras como a da portuguesa Carmen Miranda, cantora e atriz cujos trajes lembravam o das baianas e, portanto, elementos da cultura afro-brasileira. Além disso, adereços de frutas tropicais na cabeça, que espalhavam pelos Estados Unidos, pela Argentina e mesmo internamente uma imagem festiva do Brasil.



Reprodução

A figura artística de Carmem Miranda ajudou a criar o estereótipo do brasileiro no exterior.

Junto a ela, o personagem Zé Carioca, criado pelos estúdios Disney, que se refere a um papagaio malandro, trapaceiro e preguiçoso, ainda que charmoso, natural do Rio de Janeiro. Esses personagens, aliados aos relatos de truculência da política brasileira, ajudaram a fundar no interior o olhar para o Brasil como um país bonito, interessante e exótico, mas incapaz de superar a corrupção e sua condição de atraso, como afirmado nos citados livros de Sérgio Buarque de Hollanda e Caio Prado Jr.



Reprodução

Walt Disney (centro) criou o personagem Zé Carioca no Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, em sua visita ao Brasil no início dos anos 1940. Era uma criação destinada à América Latina, em plena Segunda Guerra Mundial, que visava atrair a simpatia dos países neutros à causa norte-americana contra o fascismo na Europa. Na foto, Disney aparece ao lado de Ary Barroso, grande compositor brasileiro, autor de *Aquarela do Brasil*.

É fortalecida a imagem do “jeitinho brasileiro” * em referência a um conjunto de comportamentos que fariam dos brasileiros um povo malandro e em desacordo com as normas e leis, nas suas ações cotidianas. A maneira como esses comportamentos foram e são retratados é dupla. Por um lado, podem receber uma análise crítica, que afirma que esse jeitinho é um obstáculo para o desenvolvimento do País e para a superação de problemas sociais, como a corrupção; por outro, recebem uma caracterização elogiosa, sendo vistos como sinônimos de esperteza e de uma capacidade de se adaptar e superar dificuldades.

Jeitinho brasileiro

* Zé Carioca é o moderno exemplo do “jeitinho brasileiro”, e esse jeitinho é entendido, muitas vezes, como parte da identidade nacional, do que seria ser brasileiro. Mas você sabia que o simpático papagaio não foi a primeira vez em que se tratou a esperteza e a malandragem como estratégia para sobreviver? O livro *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, lá pelos idos do século XIX, conta as aventuras vividas por Leonardo, o “filho de uma pisadela e de um beliscão”.

Essa malandragem, essa atitude de esperteza diante de situações consideradas difíceis, pode ser vista tanto de maneira positiva quanto de forma problemática. Vamos pensar a partir dessas duas. Enquanto criatividade para solucionar problemas repentinos, situações-surpresa, o jeitinho pode ser bem positivo. O arranjo que permite que “tudo termine bem” é valioso, pois dá conta do desafio inesperado.

Entretanto, de forma bem menos positiva, o jeitinho se torna um problema quando o arranjo coincide com a quebra de leis, e essa quebra de leis representa crime, e crime deve ser punido. Muitas vezes se pratica a quebra da lei instituída justificando que é injusta. Um exemplo dessa forma de tratar é a instalação de “gambiarras” para não pagar conta de energia elétrica. Afirma-se que o valor da conta é muito alto, mas essa prática é crime.

É fundamental perceber que a linha que separa a esperteza do crime é muito tênue e merece uma reflexão sobre esse aspecto da suposta identidade nacional.



Juscelino Kubitschek, através da construção da cidade de Brasília, procurou estimular a visão de um Brasil moderno, urbanizado e desenvolvido, o que elevou a **autoestima** dos brasileiros, mas também teve de lidar com desigualdades internas do País. Para isso, foi criada a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), em uma tentativa de transferir recursos e planejar uma distribuição menos desigual dos recursos investidos no desenvolvimento da Nação.

Na perspectiva teórica, autores como o sociólogo Florestan Fernandes produziram novas explicações sobre a identidade do Brasil, chegando, inclusive, a apresentar pontos de vista que contradiziam obras clássicas, como *Casa-Grande & Senzala*. Entre 1945 e 1951, Florestan Fernandes e seu parceiro de pesquisas, o francês Roger Bastide, foram selecionados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) para elaborar uma pesquisa sobre as relações raciais no Brasil.

O incentivo à pesquisa era parte de um programa de afirmação **antirracista** da Organização das Nações Unidas (ONU) e que esperava encontrar, no caso brasileiro, um lugar sem desigualdades raciais e capaz de ser modelo para outros países. Mas o resultado a que os pesquisadores chegaram não atendeu às expectativas. Segundo o estudo, o racismo resistia no Brasil por conta de um desajuste na integração dos negros à sociedade, fazendo do racismo uma realidade histórica, social, estrutural e econômica.

Estudos como este são mostras das complexidades inseparáveis da realidade brasileira, que, por vezes, são interpretadas de maneiras distintas, mas que, com o tempo, vão se tornando mais difíceis de limitar ou esconder. Essa complexidade, ao mesmo tempo que parece ser mais fiel ao que é ser brasileiro, também torna mais difícil a elaboração de uma definição, já que a brasilidade parece ser um conjunto de presenças e ausências que vão se alterando e se moldando.



Reprodução

O governo de JK gerou um clima de confiança e esperança no futuro para os brasileiros e estabeleceu uma meta de crescimento para o Brasil incompatível com a sua capacidade de desenvolvimento.

Durante o mesmo período de tempo em que a bossa nova foi criada e disseminada como uma expressão profunda do Brasil, outros ritmos e produções musicais pareciam mais compatíveis com a realidade das periferias e da maioria dos brasileiros, que não pareciam se sentir representados pelas temáticas e pelos ritmos da bossa. Parece inevitável compreender o Brasil como um país de diferenças extremas e de desigualdades que não podem ser ignoradas.

Depois do período autoritário, as desigualdades não se desfizeram, até porque, como já compreendemos, as desigualdades são construções históricas e sociais que só podem ser desfeitas através de medidas que também sejam sociais e históricas.

As contradições passam a ser uma marca fundamental da realidade brasileira, que nos leva até os dias atuais, em que grandes mansões existem a pouca distância de barracos inabitáveis; em que grandes proprietários de terra fazem parte da mesma sociedade dos sem-terra e dos sem-teto; em que garimpeiros e madeireiros têm interesses opostos aos de comunidades tradicionais amazônicas que lutam pelo reconhecimento oficial à posse de terras ocupadas por seus povos durante séculos.



Reprodução

Oficialmente, a bossa nova se iniciou em 1958 com o lançamento da música *Chega de saudade*, interpretada por João Gilberto. Esse gênero musical foi lançado por jovens músicos da classe média carioca e tinha influência do jazz. Seu maior sucesso internacional foi *Garota de Ipanema*, música composta por Vinícius de Moraes e Tom Jobim.



Vinicius Tupinamba/Shutterstock.com

A foto acima da cidade de Salvador, na Bahia, mostra claramente a desigualdade social: edifícios luxuosos ladeados por uma comunidade carente.



Antonio Scorza/Shutterstock.com

Os altos índices de violência urbana são registrados, principalmente, nos bairros mais pobres das cidades. Acima, um veículo militar blindado patrulha a comunidade da Maré, na cidade do Rio de Janeiro.

Essas desigualdades se refletem nos altos índices de violência urbana e rural e na formação de uma identidade nacional. Esta é uma soma de todas essas realidades, às vezes destacadas e às vezes omitidas, mas que acabam repercutindo na formação da identidade exportada para o mundo e adotada por nós mesmos, para que possamos nos reconhecer.

Assim, por meio de institutos históricos e de suas produções, vistas como documentos; através de obras culturais, como romances, filmes, personagens, músicas e outras expressões populares; e através de interpretações de geógrafos, historiadores e sociólogos, a imagem do Brasil e, indiretamente, a sua imagem, como brasileiro, foram e estão sendo construídas.

Como qualquer construção social e histórica, a identidade brasileira não é algo natural, estabelecido e imutável, mas, sim, algo que agora mesmo está sendo produzido, com a nossa ajuda e também com a sua. Cada pessoa, ao viver a sua época e concordar com as imagens que estão sendo construídas nas artes, na política e nos conhecimentos do cotidiano ou discordar delas, por exemplo, também está sendo construtora e reconstrutora de uma brasilidade, de uma caracterização do que é ser brasileiro.



Reflexão

1 (Uema – Adaptada) Após a emancipação política do Brasil, a nova nação independente buscou a afirmação da sua identidade por meio de uma representação simbólica de sua nacionalidade.

Considerando a representação contida na escultura histórica ao lado, de um indígena guerreiro e com postura altiva, explique a escolha do nativo como legítimo representante da nacionalidade brasileira.



Reprodução

2 (UEL – Adaptada) A identidade regional resulta do processo histórico da organização socioespacial e é configurada pela diversidade territorial pautada nos costumes, hábitos, na cultura e economia de uma população, que desenvolve o sentimento de pertencimento a um lugar, baseado na particularidade do espaço em que se (re)produz. Com base nos conhecimentos sobre identidade regional, considere as afirmativas a seguir.

- I. O processo de construção de uma identidade brasileira unificada é dificultado pela força das identidades regionais.
- II. A heterogeneidade é a característica primordial do território brasileiro, fato

que pode ser verificado no conjunto das particularidades de cada região, tais como seus sujeitos sociais, suas culturas e suas paisagens.

- III. O Brasil se caracteriza pela homogeneidade espacial e social, por isso possui identidades regionais semelhantes, cuja origem reside no intenso processo de miscigenação ao qual foi submetida sua população, durante vários séculos.
- IV. As identidades regionais possuem fundamento na **ideia** da diferença, a exemplo dos habitantes da Campanha Gaúcha, no Rio Grande do Sul, e dos habitantes do Sertão Nordestino, e se evidenciam nos modos de falar, **alimentar-se** e outros costumes no âmbito da cultura das respectivas regiões.

Estão **corretas** apenas as afirmativas:

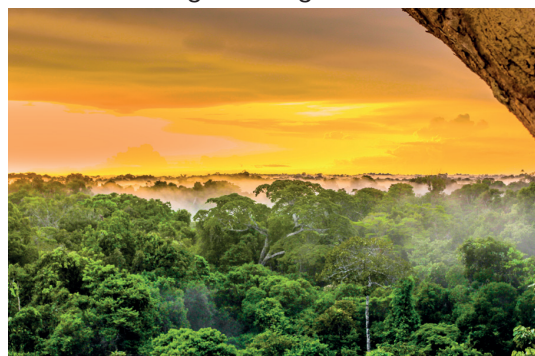
- a I e II.
- b I e III.
- c III e IV.
- d I, II e IV.
- e II, III e IV.

3 (Interbits – Adaptada) Como eu me sinto quando... digo que sou brasileiro.

Onde eu moro:



Como o estrangeiro imagina onde moro:

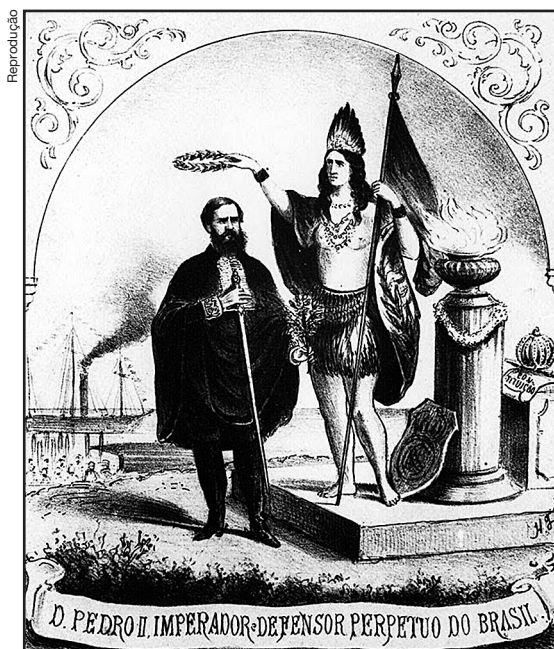


As imagens acima fazem uma brincadeira acerca de como a identidade nacional é percebida de forma diversa por pessoas e países diferentes. Tendo em consideração seus conhecimentos sociais obtidos neste livro, assinale a alternativa **incorreta**.

- a A visão que pessoas de um país possuem sobre as pessoas de outro país é, geralmente, baseada em estereótipos.

- b** Muitas vezes, a forma como os “outros” nos **veem** é diversa da forma como nós próprios nos vemos.
- c** A tendência de julgar os outros povos pelos critérios que temos do nosso próprio povo pode gerar imagens distorcidas.
- d** Toda cultura cria imagens de si mesma e imagens das outras culturas.
- e** Os aspectos econômicos pouco importam na formação da identidade nacional de um povo.

4 (Uerj – Adaptada)



Defensor perpétuo do Brasil, xilogravura, 1869. O indígena, representando o império, coroa com louros o novo monarca: na iconografia as posições se invertem. FBN

O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a **pera**, o damasco e a nêspera?

ALENCAR, José de. *Prefácio a Sonhos d'ouro*, 1872.

A questão colocada pelo autor aponta para a necessidade da construção de uma identidade própria para o Brasil em oposição a tudo aquilo que tinha origem em Portugal. Era preciso criar o sentido de Brasil, por meio da História e da Literatura, como se vê na gravura em que Pedro II é coroado por um indígena representando o Império do Brasil.

- a.** Aponte ações realizadas pelo poder central, nesse período, que contribuíram para a construção da nacionalidade brasileira.

b. Explique como, no Brasil, o Romantismo foi um instrumento que contribuiu para a consolidação do projeto de construção de uma identidade nacional.

5 (UFU – Adaptada) “‘Viver é plural’, disse um dos nossos maiores escritores, o mineiro João Guimarães Rosa. A vida brasileira também é plural. Qual a cara do Brasil? Não existe uma só. Nosso país é múltiplo, vários, diferenciado.”

ALENCAR, Chico. Nem melhores nem piores: apenas brasileiros. In: KUPSTA, Márcia. *Identidade nacional em debate* (org.). São Paulo: Moderna, 1997, p. 53.

Considerando o texto acima, pode-se afirmar que:

- I. A principal característica do Brasil é ser um país preconceituoso do ponto de vista racial.
- II. A identidade brasileira se constitui pela diversidade étnico-cultural.
- III. A diversidade étnico-cultural no Brasil se expressa na diferença de costumes, crenças, na mistura de etnias, etc.
- IV. O brasileiro e o Brasil não dão certo por causa da mistura de raças.

- a II, III e IV estão corretas.
- b I, II e III estão corretas.
- c II e III estão corretas.
- d I e II estão corretas.
- e Todas as afirmativas estão corretas.

6 (Vunesp - Adaptada)

Não fala com pobre, não dá mão a preto, não carrega embrulho.

Pra que tanta pose doutor?

Por que esse orgulho?

A bruxa, que é cega, esbarra na gente e a vida estanca.

O enfarte te pega, doutor, e acaba essa banca.

(...)

(Billy Blanco. *A Banca do Distinto*. In: Renato da Silva Queiroz. *Não vi e não gostei – O fenômeno do preconceito*.)

Canções conhecidas da Música Popular Brasileira ajudam a desmascarar – por meio da ironia – atitudes que desumanizam e coisificam o outro, o diferente. Mas, a leveza musical pode criar a ilusão de que é fácil lutar contra esse problema social – o preconceito, base de estigmas, estereótipos, discriminação, segregação e genocídio. A respeito dessa luta, é possível afirmar que:

- a** os preconceitos estão profundamente arraigados na cultura, o que nos impede de lutar contra eles, principalmente dentro da escola.
- b** os preconceitos não podem ser entendidos no plano humanizado da cultura, e sim no da dominação-opressão e, portanto, devem ser destruídos, em nome da dignidade de toda pessoa humana.
- c** os preconceitos derivam da dificuldade do ser humano em lidar com as diferenças e nada pode ser feito para mudar esse fato, o que inviabiliza nossa luta para destruí-los.
- d** os preconceitos tendem a desaparecer no processo de globalização, graças à intensificação das migrações e, portanto, não devemos nos preocupar em lutar contra eles.
- e** em nosso país não existem preconceitos, sejam de cor, classe ou etnia, graças à expansão da educação escolar, abrangente em relação a todas as crianças e adolescentes.



Um Brasil fragmentado, diferente e desigual

Telenovelas e identidade

A partir dos conceitos de *diferença* e *desigualdade* e também da discussão sobre algumas interpretações do que é o Brasil e a identidade brasileira, chegamos ao momento de pensar sobre a realidade do País hoje. Baseados nos conhecimentos que construímos juntos, ao longo deste livro, podemos observar algumas situações de construção de identidades e nos questionar sobre diferenças e desigualdades.

Na verdade, este é um exercício que você pode e deve continuar fazendo por toda a sua vida, uma vez que a definição do que é ser brasileiro é também um pouco do que o define, como parte desse grupo nacional, além de outros, os grupos regionais. Para pensar nessas situações atuais, vamos observar alguns aspectos da identidade nacional e de algumas identidades regionais em um importante lugar de reconhecimento: a televisão.

O Brasil é famoso em outros países pela qualidade técnica de algumas produções televisivas, em especial as novelas. Enquanto alguns países, como os Estados Unidos e a Argentina, possuem uma tradição maior volta-

3



Rua 25 de março. Importante rua de comércio em São Paulo.

da para a produção de filmes, o Brasil se destaca pelas telenovelas, que não são transmitidas apenas aqui, mas em muitos países.

Agora, pare e pense um pouco. Quando uma pessoa de um país distante do Brasil, que nunca leu ou estudou muito sobre o País, assiste a uma telenovela brasileira, ela provavelmente pensará que aquilo a que ela assiste é um retrato do Brasil. Da mesma forma, se hoje você se dedicasse a assistir um filme sobre um país que não conhece muito bem, como o Irã ou a Tunísia, por exemplo, seria muito provável que aquelas produções cinematográficas servissem para que você moldasse os seus conhecimentos sobre esses lugares e sobre as suas populações e realidades.

Mas, além de gerar uma imagem do que é o Brasil para os estrangeiros, as programações televisivas, como qualquer outro produto comunicativo, também dizem para os próprios brasileiros o que é o Brasil. Devido ao grande território nacional, é possível que muitos brasileiros (assim como a aluna à qual nos referimos na página 28) não conheçam de perto a realidade de muitas partes do País, ou não estejam presentes em tudo o que acontece

Donatas Dabravolskas/Shutterstock.com



O Brasil e o México, são os maiores produtores de telenovela do mundo.

nos seus próprios lugares de moradia, utilizando essa narrativa como fonte de informação e conhecimento.

Reprodução



Entre os anos 1960 e 1980, algumas emissoras de televisão do Recife tinham uma programação basicamente regional, com *show* de calouros, programas de auditório e até algumas telenovelas. Com o passar dos anos, as produções regionais foram diminuindo até o ponto em que somente alguns telejornais são locais e a maioria da produção vem do Sudeste.

Para alguns pensadores importantes, como o sociólogo Anthony Giddens, uma característica fundamental da nossa sociedade é o fato de vivermos em uma sociedade da informação, em que os meios de comunicação apresentam modos de vida, ou seja, têm um importante papel na definição de quem somos e do que deveríamos querer.

O fato de cerca de 97% dos 67 milhões de lares brasileiros possuírem televisores, em 2014, não só aumenta a importância desse meio de comunicação, mas também deixa claro que a televisão é uma presença nacional. Em outras palavras, é possível afirmar que os conteúdos televisivos estão disponíveis para várias realidades nacionais e que transitam entre ambientes de diferença e de desigualdade.

Ao produzir um único conteúdo e atingir com ele do sul ao norte, do rico ao pobre, do moderno ao tradicional e do litoral ao interior, para pensarmos em algumas oposições, as redes de televisão privilegiam temas e ambientes que acreditam ser compatíveis com a realidade de todo o Brasil ou, ao menos, cativantes o suficiente para prenderem a atenção de diferentes tipos de brasileiro.

Para seguirem se mantendo populares e atrativas, as telenovelas costumam tratar de temas do cotidiano, unindo questões de impacto social a narrativas sobre personagens criados para serem interessantes (bons, maus, engraçados, entre outros). Outra forma de consolidar o interesse é utilizando uma linguagem mais próxima da coloquial e sendo ambientadas em cidades ou cenários que correspondem a cidades brasileiras.

Ao mesmo tempo que os criadores de novela se inspiram na vida cotidiana para produzir seus enredos, a narrativa contida nas novelas também inspira a realidade e ajuda a recriar identidades. Provas dessas influências são as expressões e gírias ditas por personagens e que se tornam populares na linguagem do **dia a dia**, assim como nomes de personagens que se tornam moda e passam a ser utilizados pelos pais para batizar seus filhos ou, ainda, nomes de novelas que passam a ser adotados em estabelecimentos comer-

ciais. Outros indícios da influência das novelas na vida cotidiana incluem as músicas que são temas de personagens e, por isso, tornam-se populares nacionalmente. Também são sinais da capacidade das novelas de estimular o público as roupas, os utensílios, acessórios e estilos que surgem nas telas e depois passam a fazer parte do cotidiano.



Catanna Belova/Shutterstock.com

A imagem da Praia de Copacabana foi veiculada e naturalizada pela mídia como ponto de encontro de artistas e intelectuais, local de lazer e disseminador de tendências, influenciando, desse modo, várias gerações brasileiras.

Quando uma novela retrata personagens que possuem problemas específicos, como uma doença que não é tratada no País, uma dificuldade para conseguir um trabalho ou violências urbanas ou racismo, ela não só fala da realidade de uma personagem de ficção, mas também chama a atenção para realidades como o sistema de saúde, o desemprego, a deficiência na segurança pública, a violência, entre muitas outras. Esse aspecto faz com que alguns estudiosos das telenovelas brasileiras digam que elas possuem a capacidade de ser um tipo de agenda de temas, que propõem à população assuntos e realidades que devem ser discutidos.

Existe, portanto, uma capacidade dupla: tanto a realidade influencia as telenovelas quanto estas interferem na realidade. Por esse motivo, bem como pela grande habilidade de atingir a população, as telenovelas, já há algum tempo, passaram a ser cobradas quanto a uma atuação mais social.

É comum que entidades públicas ou grupos como ONGs e movimentos sociais entrem em contato com os produtores reivindicando que a forma como alguns personagens são tratados seja revista. Isso ocorre tanto pelo fato de o recorte estabelecido pela novela não ser construtivo para o grupo retratado como por ser ofensivo e ajudar a naturalizar as desigualdades, na medida em que alimenta visões preconceituosas e limitadas sobre alguns grupos e espaços.

Telenovelas e a identidade regional

No final da década de 1960, a produção de telenovelas brasileiras adotou um modelo realista, ou seja, mesmo sendo obras de ficção, as novelas passaram a ter o objetivo de se aproximar da realidade. Esse modelo passou a ser adotado porque se acreditava que o sucesso de uma novela dependia da identificação do público. Quanto mais real parecesse a trama, maiores seriam as chances de o público se envolver e se importar, mesmo sabendo que aquela história não era real.

Realmente, pessoas que acompanham ou que gostam de novelas costumam vibrar e se entristecer com o destino de seus personagens favoritos. Sabe-se que a moça que está muito doente na trama e que o médico malvado que não quer salvá-la são, na verdade, atores que estão apenas interpretando seu papel. Ainda assim, a situação comove e movimentava emoções em torno dos dois personagens. Esse envolvimento ocorre, pois, como dissemos, mesmo não sendo real, aquela história é percebida como um reflexo de uma possibilidade. A telenovela consegue ir além da ficção, despertando empatia para questões possíveis, atuais ou históricas.

Assim, a telenovela busca se apresentar como algo em que se pode acreditar por meio dos seus personagens e do que representam. Entre essas representações, estão grupos em situação de desigualdade social, que recebem uma baixa valorização social em comparação a outros grupos, como negros, mulheres, fiéis de religiões pouco tradicionais, bem como personagens que representam diferentes regiões do País.



Reprodução

O direito de nascer — telenovela exibida pela TV Tupi São Paulo e TV Rio entre 1964 e 1965, baseada na radionovela do escritor cubano Félix Caignet — teve um final apoteótico em que a população recebeu convites e os atores principais foram agraciados com o Troféu Curumim.

Mas essa busca por parecer real muitas vezes não se reflete em um esforço de tentar compreender os grupos não majoritários por meio das suas próprias vozes e realidades. É comum que produções como essas não se dediquem a desconstruir visões genéricas e limitadas, que tomam parte de uma realidade como se fosse um todo, e utilizem estereótipos, isto é, imagens prévias e genéricas a respeito de pessoas e grupos sociais, além de insistir em equívocos antigos como se fossem verdades atuais.

Como a maior parte dos centros de produção de telenovelas nacionais é sediada nos estados do Sudeste, em especial no Rio de Janeiro e em São Paulo, é comum que a maioria das tramas apresentem realidades e personagens ambientadas nessas localidades. Ainda assim, essa prevalência é vista como um problema por muitos grupos, uma vez que as telenovelas se propõem a ser um produto de abrangência nacional, e não regional.

Interessados em pensar na diversidade dos personagens das telenovelas, os pesquisadores Luiz Augusto Campos e João Feres Junior fizeram um amplo levantamento envolvendo personagens e ambientes nessas produções. Na pesquisa, foram contabilizados todos os personagens presentes em novelas da Rede Globo (principal produtora de telenovelas brasileiras na atualidade) do ano de 1985 até o ano de 2014, diferenciando-os quanto a sua etnia. Os personagens foram separados por uma característica que os diferenciava, se faziam ou não parte do grupo de pessoas brancas, e essa diferença foi analisada com relação a situações de desigualdade étnica. Ao todo, foram analisadas 156 telenovelas brasileiras, e nelas identificou-se que 91,2% dos personagens centrais, aqueles necessários para contar a história, eram brancos. Esse número representa quase o dobro da população brasileira que se reconheceu como branca no censo de 2010 (47,9%.) Isso que deixa claro que as telenovelas, com menos de 10% de personagens não brancos (que podemos entender como negros e pardos), não refletem a composição real da população brasileira.

Além da questão étnica, que é foco do trabalho, outros elementos de representação das novelas acabam sendo abordados, entre eles questões de gênero e questões regionais. Nessa contagem, os autores também se preocuparam em observar em que lugar ocorriam as novelas. As 156 novelas representavam a totalidade, ou seja, 100%, mas as ocorrências somadas ultrapassavam essa porcentagem máxima, pois uma novela pode ser desenvolvida tendo como ambiente mais de uma região. Assim, uma novela que começasse o seu desenvolvimento no Nordeste, mas que, ao longo da narrativa, tivesse suas personagens e a história transferidas para o Sudeste, contaria duas vezes.

Percentual de telenovelas por regiões ou espaços em que se ambientam*	
Localidade	Número e porcentagem de novelas
Região Norte	5 novelas (3,2% do total)
Região Nordeste	15 novelas (9,6% do total)
Região Centro-Oeste	4 novelas (2,6% do total)
Região Sudeste	117 novelas (75% do total)
Região Sul	8 novelas (5,1% do total)
Outro país	36 novelas (23,1% do total)
Não especificada ou fictícia	18 novelas (11,5% do total)
Total	203 novelas (130,10% do total)

Fonte: GEMAA, a partir de dados do portal *Memória Globo**. A soma dos percentuais excede 100% porque uma mesma novela pode ser ambientada em mais de uma região. Tabela reelaborada através de dados de Campos e Feres Jr.

Como bem mostra o quadro acima, das 156 novelas criadas, apenas 4 se desenvolviam ambientadas na Região Centro-Oeste, sendo esta a menos representada. Os números da Região Norte (5 novelas), da Região Sul (8 novelas) e da Região Nordeste (15 novelas) também ficam muito distantes da quantidade de tramas que se desenvolvem no Sudeste brasileiro (117 novelas, equivalente a 75% das produções).

Na verdade, a soma das novelas que tinham como cenário as regiões Centro-Oeste, Norte, Sul e Nordeste, equivalente a 32 produções, ainda não se aproxima da quantidade de tramas referentes à Região Sudeste sozinha. Esse desnível, motivo para que algumas partes do País se vejam pouco nesse produto, faz com que a novela não atenda ao desejo de representação de todos os brasileiros de maneira igualitária.

Outro problema, provavelmente mais sério, ocorre quando as realidades pouco retratadas são mostradas, mas o retrato não corresponde à realidade. Por vezes, as poucas aparições de outras regiões (além do Sudeste) e de outros tipos físicos (além dos brancos) ocorrem em meio a uma realidade limitada, desconsiderada ou estereotipada.

Dito de outra forma, é comum, quando as regiões e os grupos pouco representados são mostrados, suas aparições também não gerarem um sentimento de representatividade nos espectadores, uma vez que eles não consideram a narrativa de acordo com seus hábitos e suas realidades. Essa negativa pode ser vista tanto em conversas do cotidiano, nas quais os espectadores comentam o sotaque da personagem, achando-o diferente do real, quanto em trabalhos acadêmicos que utilizam análises mais sólidas para afirmar a falha na representatividade.

Os trabalhos produzidos por pesquisadores vinculados a universidades e institutos de pesquisa atentam tanto para os sotaques quanto para o espaço em que costumeiramente os personagens são desenvolvidos. Entre os questionamentos existentes, estão os papéis secundários e limitados que personagens retratados como das regiões Nordeste e Norte costumam ocupar.

Quanto à Região Nordeste, desconsiderando a pluralidade que a compõe, é comum o questionamento sobre a repetição das caracterizações preconceituosas. Os personagens nordestinos (que nem sempre são representados por pessoas que, de fato, nasceram na região) são costumeiramente parte de um núcleo pobre, humorístico, religioso e subalterno — essa tipificação ocorre em razão do histórico de desamparo social dado à região. Geralmente, ocupam papéis coadjuvantes sem grande importância para a evolução do enredo. Os ambientes que retratam os estados do Nordeste, quando descritos, também costumam ser vistos de forma limitada estereotípica, com destaque para a caracterização dos ambientes como atrasados, pobres e secos.

Sobre as identidades relativas à Região Norte, costuma-se apontar como problema a dificuldade de separar identidades específicas das regiões Norte e Nordeste, tomando ambas como se fizessem parte de uma realidade indiferenciada. Há ainda problemas na construção da identidade dos diferentes grupos indígenas existentes, geralmente descritos como seres míticos, pouco complexos e pouco autênticos, sem conseguir descrever a realidade dessas populações e suas verdadeiras questões.

De maneira geral, a representação malsucedida ocorre pela falta de percepções locais da realidade, que compromete a compreensão das tradições, dos hábitos e das identidades locais. Imagine que uma pessoa fosse escrever um filme sobre a sua vida, mas não achasse que a sua participação nem a dos seus familiares e amigos fossem necessárias. Provavelmente essa produção, antes mesmo de começar, estaria fadada a não o compreender, pela falta de informações sobre você.

Sem a apreciação das realidades dos grupos em situação de desigualdade — como nordestinos e nortistas em relação ao Sul e Sudeste do País, ou

como os negros e pardos em relação aos brancos, e mulheres em relação a homens —, as imagens construídas tendem a reforçar valorizações negativas que esses grupos procuram desconstruir.

Assim como, ao falar de temas sociais importantes, as novelas são capazes de agendar discussões relevantes junto à população, ao ignorar a identidade de grupos as novelas também propagam uma visão limitadora. Ao limitar os atores negros a papéis de empregados domésticos, ao tratar o nordestino como **semianalfabeto** e engraçado, ao representar a maior parte das personagens femininas como vaidosas e capazes de intrigas entre as próprias amigas, as novelas reforçam estereótipos que limitam a percepção das capacidades profissionais de negros e pardos, da inteligência dos nordestinos e da integridade e dos interesses fundamentais das mulheres.

Certamente existem exceções e telenovelas que surpreendem tanto na temática quanto no tratamento complexo dado a personagens em situação de minoria social. Mas a continuidade dessas imagens e a pequena atenção para algumas regiões do País, como mostraram os dados da pesquisa citada, contribuem para o contínuo desconhecimento do Brasil, da sua realidade e para que alguns brasileiros se sintam esquecidos e pouco importantes.

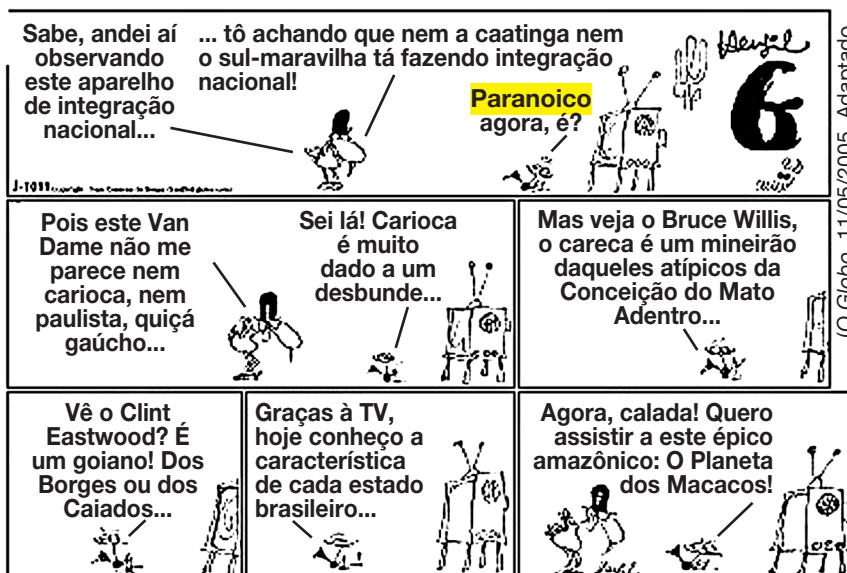
Diante da construção estereotipada dos personagens e enredos, dois principais resultados podem decorrer. Os telespectadores podem rejeitar a perspectiva, e até a telenovela, por não concordarem com a forma como ela foi construída, o que não é bom para os produtores das novelas. Quem assiste também pode acreditar nas descrições e alimentar um conhecimento limitado do País e das suas questões, o que não é bom para a convivência em sociedade.

Para os que não são do lugar ou do grupo descrito, a visão limitada pode estimular preconceitos e naturalizações de desigualdades. No lugar de compreendermos certa questão como um problema social, aceitamos que a realidade simplesmente é daquela forma. Por sua vez, quem é do grupo ou lugar pode absorver a crença de que não é possível ir além do estereótipo.

O que se pretende, com essas problematizações, não é questionar a qualidade das telenovelas, mas provocar um questionamento sobre as identidades ali construídas e sobre a forma como podem influenciar o cotidiano. Na verdade, se as telenovelas não fossem produtos qualificados nunca teriam alcançado o destaque que alcançaram ou a capacidade de influenciar o **dia a dia** dos brasileiros. Com essa capacidade, entretanto, vem a responsabilidade de se envolver nas questões sociais e contribuir, como forma de comunicação, para a construção de identidades menos desiguais e exclusivas.

Reflexão

1 (Uerj)



A charge de Henfil faz referência à influência dos meios de comunicação, especialmente da televisão, na construção de uma identidade nacional.

A interação entre realidades regionais e a chamada **mídia de massa**, na sociedade brasileira atual, tem como principal **consequência** o (a):

- a resgate da história local.
- b difusão de modelos culturais.
- c crescimento da integração regional.
- d fortalecimento da diversidade social.
- e a exposição das diferentes realidades.

2 “Ver TV é um dos principais deveres do sociólogo. É ali, no mundo tal como ele é visto na TV, que a maioria das pessoas passa boa parte de sua vida e adquire grande parcela de seu conhecimento do mundo. [...] **Recusar-se** a ver TV equivale a dar as costas a uma parte considerável, e ainda em crescimento, da experiência humana contemporânea.”

BAUMAN, Z. P. *Para que serve a Sociologia?* Diálogos com Michael Hviid Jacobsen e Keith Tester. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 129 e 130.

A partir do texto na página anterior e do que você aprendeu sobre telenovelas e identidade nacional, assinale o que for **correto**.

- a** A televisão, em nossa sociedade, está relacionada ao entretenimento, o que anula o interesse de qualquer pesquisa objetiva sobre a sociedade a partir de sua observação.
- b** A análise de telenovelas pode se dedicar a observar, por exemplo, a forma como determinados grupos, como mulheres, minorias étnicas e grupos regionais, são retratados e, dessa forma, como algumas desigualdades são reforçadas ou desconstruídas.
- c** Como o principal das telenovelas é servir de entretenimento, elas não possuem implicações sociais, sendo simples obras de ficção sem vínculo com a realidade.
- d** O papel social da TV, como meio de expressão e de informação, **torna-a** um fenômeno sociologicamente relevante.
- e** As alternativas b e d estão corretas.

3 (UEL – Adaptada) “A penetração intensa da televisão no Brasil está inscrita na paisagem urbana e rural, nas páginas de revista, na profusão de aparelhos nos interiores das casas, nas mansões de alto luxo, nos barracos das favelas das cidades grandes, nas casas modestas e nas praças públicas de cidades pequenas. Os recordes nas vendas de televisores se explicam pela presença de diversos aparelhos por domicílio, cuidadosamente dispostos em vários cômodos das residências, às vezes em meio a altares domésticos.”

HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHAWRCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 440.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a relação da televisão com a sociedade moderna, considere as afirmativas a seguir.

- I. A penetração intensa da televisão no Brasil rompeu as fronteiras das diferenças sociais e gerou uma sociedade livre da exclusão.
- II. O ato de assistir à televisão por um lado unifica a população em torno de um conjunto comum de informações, por outro promove uma priorização de alguns grupos sobre outros.
- III. Produtos televisivos, como as telenovelas, são oferecidos para todo o

País, por isso existe neles uma expressão equilibrada das diversas identidades regionais que compõem o País.

IV. Nas sociedades, a televisão é influenciada pela população, mas também exerce influência sobre ela. Uma das formas de notar a influência das TVs está no consumo de produtos apresentados na programação televisiva, seja através da publicidade, seja através do uso que um personagem faz dele.

Estão **corretas** apenas as afirmativas:

a I e II.

b II e IV.

c II e III.

d I, III e IV.

e II, III e IV.

4 As telenovelas estão entre os mais bem-sucedidos produtos informativos produzidos no Brasil. Através delas, elementos da identidade nacional e das identidades regionais podem ser reforçados ou revistos. Como as novelas podem interferir nas identidades?

5 (UEM – Adaptada) “Ao assistir a novelas com pessoas variadas, de camadas médias e populares, e ao conversar sobre televisão, é possível notar como os espectadores comparam sua situação de vida ao que assistem e como nesse processo **reveem** e reforçam seus pontos de vista, analisam suas vidas pessoais, o que lhes aconteceu antes, o que vivem naquele momento.”

ALMEIDA, H. B. *Telenovela, consumo e gênero*. Bauru: Edusc, 2003, p. 22.

Considerando o trecho citado e os seus conhecimentos sobre telenovelas e a construção de identidades, assinale o que for **correto**.

- a Ao retratarem relações amorosas e familiares de forma compatível com a realidade, as novelas informam como as famílias brasileiras realmente são.
- b Como um bem cultural valorizado, a televisão é uma fonte privilegiada para analisar diferenças regionais e para entender a identidade nacional.
- c Mesmo possuindo distorções quanto à expressão da diversidade, as novelas podem ser utilizadas para refletir sobre as mudanças na vida cotidiana e sobre os padrões de relacionamentos amorosos e familiares, por exemplo.
- d Do ponto de vista sociológico, a televisão é responsável pela profunda alienação das pessoas, pois impede que elas reflitam sobre o mundo em que vivem.
- e As identidades nacionais são elementos que já estão prontos e, por isso, não podem sofrer influências das telenovelas.

6 (UEM – Adaptada) Para o filósofo alemão Walter Benjamin (1892–1940), o mundo moderno teria como uma de suas características o predomínio da informação, trazida pela imprensa, e a decadência das formas tradicionais de comunicação, tais como as histórias contadas por narradores anônimos. Isso significa, segundo o autor, que há uma diminuição de nossa capacidade para comunicar experiências de modo lento e paciente, habilidade que nos possibilitava a elaboração profunda dos conteúdos transmitidos. Em seu ensaio *O narrador*, Benjamin reforça seu ponto de vista com estas palavras do poeta Paul Valéry: “o homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado”.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: Obras escolhidas I – Magia e técnica, arte e política. *Ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 206.

De acordo com essas informações, é **incorreto** afirmar que:

- a o filósofo não era um admirador dos recursos técnicos da indústria cultural.
- b para o filósofo, o aprimoramento técnico dos meios de difusão das informações está relacionado à perda de profundidade da comunicação entre as pessoas.
- c a maior velocidade da comunicação, para Walter Benjamin, não garante a qualidade dos conteúdos veiculados.
- d na visão de Walter Benjamin, a imprensa contribui para o desenvolvimento da capacidade de reflexão dos indivíduos.
- e para Benjamin, o conteúdo e a profundidade da comunicação entre as pessoas estão associados aos meios utilizados para a realização dessa comunicação.

7 Sobre a possibilidade de influência entre telenovelas e realidade, assinale o que for mais adequado.

- a** Existe uma capacidade de influência dupla, tanto a realidade influencia as telenovelas quanto elas interferem na realidade.
- b** É exagerado dizer que as novelas influenciam a realidade, uma vez que elas são apenas produtos de ficção de uma indústria cultural, sendo óbvio a todos que aqueles produtos não retratam a realidade.
- c** Como as telenovelas são obras de ficção, não há problemas se um determinado grupo social for ofendido na narrativa.
- d** A interferência das telenovelas na vida das pessoas só existe, pois o Brasil é uma nação constituída por pessoas majoritariamente mal informadas sobre a realidade social.
- e** Há um conflito entre a liberdade artística do escritor da novela e o papel social que ela pode desempenhar. A resolução desse conflito deve sempre priorizar a liberdade de expressão artística, pois, sem isso, haveria uma situação de censura.

8 (UFSM) Leia o texto:

Do mesmo modo que em outros ramos industriais, a indústria cultural transforma matéria-prima em mercadorias, criando novos padrões de consumo, voltados para atender às demandas de um determinado público-alvo.

TERRA, Lygia; ARAÚJO, Regina; GUIMARÃES, Raul Borges. *Conexões: estudos de Geografia do Brasil*. São Paulo: Moderna, 2009. p. 134.

Em relação ao monopólio da informação no Brasil, assinale **verdadeira** (V) ou **falsa** (F) em cada afirmativa a seguir.

- () Existe a concentração da veiculação dos produtos culturais nas mãos de poderosos grupos empresariais.
- () As concessões de rádio e TV têm sido utilizadas como moeda de troca nas negociações que estabelecem alianças políticas.
- () Os grandes grupos econômicos puderam, por meio de investimentos no controle das inovações tecnológicas em comunicações, ampliar espacialmente sua influência, ditando novos padrões de consumo.

A **sequência correta** é:

a V – V – V.

b F – F – V.

c V – F – V.

d F – V – F.

e V – F – F.

O fim e o **recomeço**

Vimos que um dos mais importantes elementos de caracterização da identidade nacional é a unidade diante da diferença. Por excelência, o Brasil é um país tão grande e formado por tantas expressões distintas que é como se existissem vários países dentro de um só. É assim tanto espacialmente (dentro do Brasil caberiam 15 França, 92 Portugal ou 205 Bélgica, por exemplo) quanto a respeito das muitas diferenças culturais que cabem no País.



Essa diversidade pode ser vista como sinônimo de riqueza e de potencialidades, uma vez que, em meio às variadas culturas, há uma gigantesca possibilidade de aprendizagem. Essa instrução, entretanto, só pode ocorrer

se a existência da diferença não for tão desigual. Ao mesmo tempo que reconhecemos o Brasil como um país cuja identidade se configura em torno da diferença, temos de admitir que ele também é um país que fundou sua história e muitas características atuais na desigualdade.

Para entendermos um pouco mais sobre diferenças e desigualdades, a primeira seção deste livro se dedicou a separar esses termos quanto aos significados. Enquanto a diferença diz respeito a características e qualidades que não são iguais, a desigualdade se refere a uma valorização maior ou menor das características diferentes. Essa divisão nos fez perceber que, enquanto as diferenças são naturais e positivas para a existência de diversidade e de riquezas culturais, as desigualdades são arbitrárias e responsáveis pela existência de injustiças sociais.

Com base nesses conhecimentos, passamos a nos questionar sobre as identidades do Brasil. É importante pensar em identidades no plural, e não em apenas uma única identidade, pois vimos que, ao longo da história do País, foram feitas muitas tentativas de interpretar o que caracteriza o Brasil e quem são os brasileiros. Também é importante pensar em identidade no plural porque, dentro da identidade brasileira, existem diversos grupos com identidades diferentes e específicas.

Em meio a essa multiplicidade de identidades, ainda não há uma opinião ou um estudo definitivo que diga o que é o Brasil. Ainda assim, as visões em construção e os fragmentos de interpretação sobre a identidade nacional já são utilizados tanto por nós, que somos brasileiros, quanto pelos que não são, na tentativa de entender por que a sociedade é da forma que é.

Na terceira seção, passamos a questionar elementos da identidade nacional presentes em um importante produto comunicativo brasileiro, as telenovelas. Nesse momento, já conscientes de que a identidade nacional não é fixa nem única, mencionamos alguns fatos e trouxemos alguns números que ajudam a questionar a representatividade dos personagens e dos enredos das novelas em relação às diversas identidades presentes no Brasil.

Ao escolher as telenovelas como um produto atual envolvido na construção da identidade nacional, também era pretendido reforçar a percepção de que as identidades brasileiras, assim como as desigualdades, não são realidades prontas e impossíveis de serem modificadas.

É verdade que, quando nascemos, já somos inseridos em uma cultura e em vários elementos identitários que incluem, por exemplo, uma forma específica de falar, hábitos alimentares, danças e um modo de se comportar. Tudo isso parece estar pronto quando nascemos, sem que nada dependa de nós. Mas, em sociedade, nada é perpétuo e impossível de modificar.

Sendo resultado da história e da sociedade, as identidades que experimentamos também não são realidades que independem de nós. Na verdade, todos os dias, quando aceitamos uma interpretação da realidade ou quando nós mesmos concluimos que o Brasil simplesmente é um país desigual, injusto ou corrupto e que não há como deixar de sê-lo, estamos deixando de construir novas atitudes para composição da identidade nacional.

Da mesma forma, quando aceitamos ou rimos de uma piada ou de qualquer representação que reforça uma situação de desigualdade importante para o nosso país, como as desigualdades regionais, as étnicas e as de gênero, estamos permitindo que tais desvalorizações se mantenham vivas e se perpetuem ou, em outras palavras, nós também estamos reconstruindo as desigualdades.

Neste fim, que nos leva para um recomeço, provocamos você a olhar o mundo, o País, a sua região e a sua cidade com uma visão problematizadora que tenta separar o que é diferente do que é desigual e que não aceita este último como uma verdade que não pode ser modificada. Além do desafio de separar a diferença e a desigualdade, também provocamos você a ser autor da nossa história e da nossa identidade e a contribuir com sua parte para a desconstrução de preconceitos e de estereótipos. Isso pode ser feito não só adotando um ponto de vista que respeita a diversidade, mas também questionando as verdades impostas e os limites que excluem.

Essa leitura reflexiva se encerra aqui, mas a possibilidade de reconstruir o mundo de significados a nossa volta nunca termina. Essa possibilidade é também, e principalmente, um desafio que é dificultado por construções históricas e pela permanência de problemas sociais. Ainda assim, podemos seguir com a certeza de que o maior dos limites à superação das desigualdades sociais já foi derrubado: avançaremos sabendo que mudar não é impossível.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

AURÉLIO, Daniel Rodrigues. *Revista Sociologia*. Caderno de Exercício: o enigma Brasil. Edição Ano V, nº 60.

BAUMAN, Zygmunt; VECCHI, Benedetto. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

CAMPOS, Luiz Augusto; JÚNIOR, João Feres. *Globo, a gente se vê por aqui?* Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985–2014). *Plural* (São Paulo. *Online*), v. 23, n. 1, p. 36-52, 2016.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Claude Lévi-Strauss, fundador do **pós-estruturalismo**. In: *Conferencia presentada en el Coloquio Lévi-Strauss: un siglo de reflexión*. México: Museo Nacional de Antropología, 19 de novembro de 2008.

CZIZEWSKI, Claiton César. Falando sobre a telenovela: agendamento temático a partir da narrativa de ficção. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. 2006.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus: Ed. Univ. S. Paulo, 1965.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 11. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.

GIDDENS, Anthony. *As **consequências** da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 10. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.

LEACH, Edmund Ronald. *As **ideias** de Lévi-Strauss*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação*. *Comunicação & Educação*, n. 26, p. 17-34, 2003.

MOTTER, Maria Lourdes. *Telenovela: reflexo e refração na arte do cotidiano*. Recife: Intercom, 1998.

PRADO JR., Caio. *A formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1963.

SARTORI, Vitor Bartoletti. Identidade brasileira em formação. *Revista Filosofia*. Ano VIII, nº 105.

SILVA, Lourdes Ana Pereira. *Identidade e telenovela como objetos de análises: contexto da produção científica discente*. Caxias do Sul: Intercom, 2010.

SOUSA, João Eudes Portela de; MARCOLINO, Rafaela Ricardo Santos. A representação da identidade regional do Nordeste na telenovela. *Temática*, v. 12, n. 6, 2016.